



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA - CESP
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANANDA MIRANDA DE SOUSA

**A (DES)CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DO NEGRO SOB A ÓTICA DE
MARIA FIRMINA DOS REIS EM ÚRSULA**

Presidente Dutra
2019

ANANDA MIRANDA DE SOUSA

**A (DES)CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DO NEGRO SOB A ÓTICA DE
MARIA FIRMINA DOS REIS EM ÚRSULA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
da Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Esp. Carliane Miranda
Carneiro Aguiar.

Presidente Dutra
2019

Sousa, Ananda Miranda de.

A (des) construção de estereótipos do negro sob a ótica de Maria Firmina dos Reis em “Úrsula” / Ananda Miranda de Sousa. – Presidente Dutra, 2019.

75 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Profa. Esp. Carliane Miranda Carneiro Aguiar.

1.(Des) construção de estereótipos. 2.Negro. 3.Maria Firmina dos Reis. 4.Úrsula. I.Título

CDU: 821.134.3(81).09

ANANDA MIRANDA DE SOUSA

**A (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DO NEGRO SOB A ÓTICA DE
MARIA FIRMINA DOS REIS EM ÚRSULA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
da Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Esp. Carliane Miranda
Carneiro Aguiar.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Especialista Carleane Miranda Carneiro Aguiar (Orientadora).
Graduação em Letras – UEMA; Especialização - IESF

Professor Ms. Jonh Jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras - UERN

Profa. Especialista Francione Lima Belfort
Especialista em Literatura Portuguesa e Brasileira - IESF

Aos meus pais Manoel Miranda de Sousa e Maria Celeste Brandão de Sousa meu alicerce, meu porto seguro, meu colo, meu abrigo. Minha eterna gratidão por tanto amor, compreensão e paciência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre cumpre com Suas promessas em minha vida, que sempre me abençoa com saúde, força e coragem para poder realizar os meus sonhos e meus objetivos, sem Ele, eu nada seria, nada seria possível, pois Ele me fortalece.

Aos meus pais por todo o apoio, por toda ajuda que me prestaram todos esses anos, cuidando de mim, me apoiando e cumprindo seu papel de pais com amor e zelo e a todos da minha família que sempre torcem por mim.

À minha irmã mais velha Whilma Miranda de S. Araújo, por acreditar no meu potencial, por me incentivar a estudar e mais ainda, por ser um exemplo de pessoa que busca o melhor através da educação, dos estudos, do saber e, por me fazer trilhar os mesmos caminhos que os seus fazendo-me encontrar o meu.

À minha sobrinha Isabela Miranda de S. Araújo, por ser minha companhia nas incontáveis tardes em que eu fazia meus trabalhos acadêmicos e ela, seus deveres da escola.

Ao meu namorado, José Pereira Lima, por ter me apoiado de todas as formas possíveis em toda minha trajetória acadêmica, pelo seu incentivo e companheirismo, por aguentar minhas ausências, minhas crises nos dias difíceis e por torná-los mais leves e alegres.

A todos os professores do CESP, por tanta contribuição valiosa a mim dedicada, em especial à Vanda Cristina Magalhães, Silvia Helena Muniz, Eliana Pereira de Carvalho e Aryelson Tavares que são exemplos de profissionais do qual eu gostaria de tornar-me e, que com garra, profissionalismo, dedicação e carinho conduziram-me ao conhecimento de forma especial nesta jornada acadêmica.

A UEMA por oferecer um curso de qualidade que atende às necessidades do educando com compromisso e seriedade e, ao curso de Letras, por ter despertado em mim um grande amor e respeito à profissão que eu escolhi seguir.

A todos os meus colegas de classe, companheiros dessa jornada que teve seus momentos difíceis, mas que juntos, superamos nossos limites e compartilhamos muitas conquistas e alegrias.

Ao professor Mestre John Jefferson do Nascimento Alves, por toda ajuda valiosa que muito contribuiu para a finalização deste trabalho e a todas as pessoas que direta ou indiretamente também contribuíram para a realização deste.

Meu agradecimento todo especial e cheio de gratidão à minha orientadora professora Carliane Miranda C. de Aguiar, que me acolheu, me incentivou e me orientou com muita dedicação, paciência e tranquilidade.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

RESUMO

No cenário atual da Literatura Brasileira tornou-se evidente uma tendência pela desconstrução de estereótipos. No que se diz respeito ao negro, a raça negra, fica clara a necessidade de cada vez mais serem analisadas obras que foram criadas em períodos em que o negro não era considerado nem como um ser humano. Pelo exposto, observa-se ao que o presente trabalho se objetiva, que é a (des)construção dos estereótipos do negro, sob a ótica de Maria Firmina dos Reis, através de seu discurso inovador e que traz o negro sem estereotípias negativas. Entretanto, objetiva-se analisar fatores que contribuíram para a construção da imagem do negro, primeiramente no campo social e posteriormente na literatura brasileira, além disso, analisar alguns dos estereótipos criados sobre o negro dentro da literatura. Sabe-se que o negro ao longo do tempo vem passando por visões estereotipadas e que os valores identitários dos negros ficaram à margem dos valores dos brancos, criando assim, uma série de problemas sociais, uma vez que o negro foi vítima da desqualificação da sua raça, vítima de racismos e estigmas sociais que influenciaram sob sua imagem uma visão negativa, pejorativa, depreciada, logo, estereotipada. Para a realização deste trabalho, fez-se necessário realizar pesquisas bibliográficas para um maior embasamento teórico-científico sobre o tema abordado. Autores como Luis Silva Cuti, David Brookshaw, Alfredo Bosi e Maria Firmina dos Reis são os principais norteadores para a realização deste trabalho. Foi elaborada uma pesquisa sobre algumas obras do século XIX onde se identifica várias estereotípias sobre o negro, o contexto histórico do século XIX, onde o negro passou a ser apresentado com mais frequência nos livros, a fim de deixar mais evidente o pioneirismo e a astúcia de Maria Firmina em criar uma obra trazendo o negro sob uma nova perspectiva, tão diferente da época em que a autora estava vivendo e como a obra *Úrsula* nos permite ter uma nova visão sobre o negro, nos possibilitando (des)construir essa imagem negativa tão difundida e reproduzida na literatura através dos séculos.

Palavras-chave: (Des)construção de estereótipos. Negro. Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*.

ABSTRACT

In the current scenario of Brazilian Literature, a trend towards the deconstruction of stereotypes has become evident. As regards the black, the black race, it becomes clear the need for more and more to be analyzed works that were created in periods when the Negro was not considered nor as a human being. From the above, we can observe the present work, which is the (dis) construction of the stereotypes of the black, in the perspective of Maria Firmina dos Reis, through her innovative discourse and that brings the black without negative stereotypies. However, it aims to analyze factors that contributed to the construction of the black image, first in the social field and later in the Brazilian literature, in addition, to analyze some of the stereotypes created on the black within the literature. It is known that the black through time has been passing through stereotyped visions and that the identities values of the blacks were left to the margin of the values of the whites, creating, thus, a series of social problems, since the black was victim of the disqualification of its race, victim of racism and social stigmas that influenced in his image a negative, pejorative, depreciated, stereotyped vision. For the accomplishment of this work, it was necessary to carry out bibliographical researches for a greater theoretical-scientific base on the subject approached. Authors like Luis Silva Cuti, David Brookshaw, Alfredo Bosi and Maria Firmina dos Reis are the main guiding principles for this work. A research was carried out on some works of the 19th century where several stereotypes about the Negro are identified, the historical context of the nineteenth century, where the negro was introduced more frequently in the books, in order to make more evident the pioneering and the astuteness of Maria Firmina in creating a work bringing the Negro under a new perspective, so different from the time when the author was living and how the work *Ursula* allows us to have a new vision on the black, enabling us (to) construct this negative image so diffused and reproduced in the literature through the centuries.

Key Words: (Des) construction of stereotypes. Black. Maria Firmina dos Reis. *Ursula*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IMAGEM DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA	12
2.1	As primeiras imagens do negro do Barroco ao Arcadismo Brasileiro	17
3	OS ESTEREÓTIPOS DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA	23
4	O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA	35
5	MARIA FIRMINA DOS REIS	46
5.1	A narrativa de Maria Firmina dos Reis em Úrsula	50
6	O ROMANCE ÚRSULA NA (DES)CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DO NEGRO	57
7	CONCLUSÃO	70
	REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o negro ao longo da história vem sendo marcado em sua trajetória, por estereótipos que resultam em figuras negativas e depreciadas da sua imagem, considerando que a literatura é um campo de reprodução e de contribuição social deve-se observar as práticas culturais que permeiam a produção literária e o momento histórico no qual esta produção está inserida. A literatura, de modo geral, tem um papel muito importante ao que tange as questões étnico-raciais, pois através dela, o homem consegue perpassar os acontecimentos históricos, a realidade por ele vivida e as pessoas que fazem parte dessa história.

O Brasil é um país de raças, povos e culturas diversas, por isso é de grande importância torná-lo cada vez mais democrático e desigual. A lei 10.630/03 estabelece a inclusão da história da cultura Afro-Brasileira no âmbito de todo o currículo escolar (BRASIL, 2008), sendo assim, o uso de obras voltadas para a temática do negro e seus descendentes e principalmente escritas por negros, se fazem essenciais para combater os discursos racistas reproduzidos desde a formação da sociedade brasileira para que se crie uma nova consciência político-social livre de racismos e discriminações.

O tema escolhido para o presente trabalho nasceu da reflexão feita sobre a história do negro em nosso país, contadas em obras pertencentes ao cânone nacional brasileiro que sempre o apresentou sob a temática da escravidão e como uma raça inferior. Observa-se que sobre a imagem do negro recaem estereótipos negativos, trazendo-o como um personagem estigmatizado, a partir das referências culturais que ou o desconsideram enquanto ser humano ou, o desclassificam como raça, levando assim, a construção de uma imagem distorcida pelo fato de que por séculos sua história vinha sendo contada a partir da perspectiva do branco brasileiro com influências do branco europeu.

No primeiro capítulo o que se objetiva é analisar, tanto no campo social, quanto no campo literário quais fatores foram determinantes para a construção da imagem do negro permitindo que ela fosse concebida de forma negativa na sociedade brasileira.

O segundo capítulo, se materializa através da análise de algumas obras do século XIX, pertencentes ao cânone literário, revelando os estereótipos mais

reproduzidos na literatura brasileira no qual o negro vem carregado de ideais preconceituosos da estética branca dominante.

No terceiro capítulo, intenta-se mostrar o contexto histórico, político e social no qual a literatura do século XIX se desenvolveu em nosso país, como e por quais motivos o negro passou a ser retratado com mais frequência na literatura brasileira. Além de demonstrar também, através dos vários nomes e obras publicadas, que até neste século as obras literárias eram produzidas em sua maioria por homens e que as mulheres escritoras, viviam sob um aspecto de anonimato literário.

O quarto capítulo é destinado à autora de *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, onde através de sua biografia será revelado seu pioneirismo em produzir uma obra de cunho abolicionista tão forte e tão desafiadora para sua época. Tudo isso será apresentado através da sua narrativa, no qual será contado o enredo, e que vai permitir a identificação da estratégia literária usada pela autora para criticar o sistema escravocrata sem sair das características do romance em sua obra, além disso, será dado destaque para a construção de seus personagens, principalmente os personagens negros, que desempenham uma tarefa muito importante dentro da trama.

O quinto e último capítulo, propõe-se a (des)construção dos estereótipos mais reproduzidos sobre o negro na literatura brasileira, através dos comportamentos e posicionamentos dos personagens negros da obra *Úrsula*, revelados por suas falas, comportamentos e posicionamentos diante dos fatos na narrativa.

Portanto, neste trabalho, por meio da Obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, pretende-se propiciar um novo olhar sobre o negro, ressaltando seus reais atributos físicos e psicológicos que imprimem características bem diferentes das que são repassadas por meio de demais obras literárias e que são pertinentes para a (des)construção dos estereótipos negativos que foram construídos sobre o negro e os seus afrodescendentes, além de mostrar como o negro pode ser concebido dentro de uma obra ficcional, porém sem evadir-se de sua realidade.

2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IMAGEM DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

A imagem social do negro na Literatura Brasileira, muito tem a ver com sua chegada ao Brasil e com os motivos que o trouxeram para cá, mas não se reduz somente a este período da história. É importante observar o negro como ser social e participante ativo da economia brasileira, seu percurso desde a sua chegada ao país e principalmente, quando o mesmo passou a ser retratado com mais frequência na literatura através de como a sociedade o enxergava e o compreendia.

A trajetória do negro na literatura brasileira desde o início quando este era invisível nas histórias dos livros, a origem da sua imagem social que se iniciou com a diáspora africana e a forma como o negro passou a ser apresentado através de diversos estigmas sociais pelo viés do preconceito, é de suma importância para compreender como o negro era visto pela sociedade e como as imagens que foram atribuídas a ele passaram a influenciar na literatura brasileira através de discursos literários estereotipados negativamente embasados através do racismo.

Mas o que é a imagem? Utilizada com grande frequência na linguagem cotidiana social, e, muitas vezes confundida com imaginação, a imagem é um tanto complexa de ser definida. A polissemia e a idiosincrasia evoluem a imagem em vários sentidos e conceitos, por isso, o presente trabalho irá conceituá-la primeiramente, a partir de sua origem no latim:

Imãgõ, inis (raiz im; cf. imitor); i) Representação, imagem, forma, imitação, retrato (pintado ou esculpido) // imaco picta, cic retrato // imago ficta, cic busto, estátua, ii) Em particular, máscaras de cera dos antepassados que os nobres tinham no atrium e faziam figurar nos funerais dos membros da família; iii) Imagem, sombra dum morto, visão, fantasma; iv) Parecença, forma, aspecto, aparência (em oposição à realidade) gênero; v) Comparação; vi) Eco; vii) Ideia, pensamento, lembrança, recordação (FERREIRA, 1987, p. 565).

São muitos os significados e estes necessitam de uma boa interpretação, mas acima aparecem as palavras representação, imagem, forma, aparência e sobre essas palavras pode-se dizer, que são elementos percebidos através da visão ou dos sentidos. Muitos críticos, escritores, historiadores, e filósofos buscam conceituá-

la de forma mais consistente, mas seu significado ainda continua complexo. Segundo MOISÉS (2004) a palavra imagem é um:

Vocábulo de ampla instabilidade semântica, não só porque é empregado com frequência na linguagem cotidiana e na linguagem científica, filosófica, psicológica e etc., como porque no âmbito propriamente literário, exhibe conotações variáveis, discutíveis, infensas a todo esforço de precisão e rigor. (MOISÉS, 2004, p. 233).

A imagem por possuir instabilidade semântica, é difícil de chegar à definição do seu próprio vocábulo porque dependendo do âmbito no qual ela for empregada, vai ganhar um sentido diferente, conotações variáveis, portanto, ela mais representa sentido conotativo do que denotativo dentre um âmbito ao outro, o que significa que a imagem apresentará um sentido figurado e não o real e é principalmente no campo literário que esse sentido vai variar ainda mais, porque a literatura depende da escrita e a escrita está ligada a linguagem.

A imagem social é uma imagem criada pela própria sociedade, pela sua percepção sobre um indivíduo, ela cria um conceito sobre esse indivíduo, dependendo desse conceito ela o transforma o indivíduo em sujeito. Esse conceito possui vários vínculos associativos formados pela memória, por isso, muitas vezes confunde-se imagem com a imaginação (VIGOTSKI, 1989). Portanto, a imagem social é criada a partir do olhar do outro que a partir desse olhar cria um conceito e esse conceito define essa imagem e essa imagem se materializa através de várias formas, uma delas é a linguagem, por isso, na literatura a imagem ganha significados tão diversos.

Muito antes dos europeus chegarem ao Brasil, muitos estudiosos já realizavam estudos de classificação das raças e a raça negra foi considerada inferior dentre várias raças e o continente africano, embora tenha sido o primeiro habitado pelo homem, foi considerado atrasado e sem perspectivas de crescimento e sob essas afirmações surgiram o preconceito, os racismos e as desigualdades sociais.

Sabe-se que a chegada do negro ao Brasil se dá por volta do século XVI com o início da colonização portuguesa, através da diáspora africana. Os africanos foram trazidos pelos portugueses para trabalhar em diversas atividades econômicas do país como escravo, pois nessa época o Brasil se encontrava como colônia de Portugal que almejava extrair riquezas e para isso, não se tinha até o momento mão

de obra para a grande demanda de trabalho, nesse mesmo período, o continente africano começou a sofrer a perda de grande parte da sua população.

Durante os quatro primeiros séculos, o Brasil tornou-se um país de desenvolvimento através do trabalho escravo dos negros africanos e de seus descendentes, mas considerado pertencente a uma raça inferior, antes mesmo de chegar ao Brasil, quando aqui chegou, sofreu muitas discriminações pela sociedade branca que tinha se estabilizado em nosso país.

O negro já chegou ao Brasil debaixo de vários tipos de estigmas sociais e sobre a sua imagem já pré-estabelecida, criou-se a sua imagem social. A sociedade viu o negro de forma preconceituosa e à sua imagem foram atribuídos os piores conceitos, por isso, o negro não foi considerado um sujeito social, ele foi transformado numa “coisa” sendo-lhe negada sua condição humana.

Essa imagem que o branco projeta sobre o negro é de total repúdio a sua raça, pois ele a considera inferior tanto em sua condição física como intelectual. Descrita por Carlos Augusto Taunay, em seu *“Manual do agricultor Brasileiro”* (1839) pode-se observar a forma depreciada como negro era visto pelo homem branco:

A inferioridade física e intelectual da raça negra, classificada por todos os fisiologistas como a última das raças, a reduz naturalmente, uma vez que tenha contatos e relações com outras raças, e especialmente a branca, ao lugar ínfimo, e ofícios elementares da sociedade. Debalde procuram-se exemplos de negros cuja inteligência e produções admiram. O geral deles não parece suscetível senão do grau de desenvolvimento mental a que chegam os brancos na idade de quinze a dezesseis anos. A curiosidade, a imprevisão, as efervescências motivadas por paixões, a impaciência de todo o jugo, a inabilidade para se regarem a si mesmo; a vaidade, o furor de se divertir, o ódio ao trabalho, que assinalam geralmente a adolescência dos europeus, marcam todos os períodos da vida dos pretos...(TAUNAY,2001, p. 53).

A raça negra foi classificada como a última das raças, porque os estudos de classificação foram realizados por cientistas que em sua maioria pertenciam à raça branca e, o interesse não era só classificar a partir de características biológicas, físicas e intelectuais, percebe-se a necessidade de hierarquizar as raças, portanto, era uma busca de poder e de domínio.

A imagem que se têm construída do negro no Brasil é, primeiramente a de escravo, e segundo, de um objeto que podia ser comprado, vendido e emprestado. O negro estava fadado a viver numa terra distante da sua, longe de

seus familiares e estava sujeito a uma posição de servidão em que as relações de poder o oprimiam, o humilhavam e o desumanizavam.

O processo de dominação dos negros pelos brancos foi intensificado com tráfico negreiro, marcado por injustiças, intensos ritmos de trabalho forçado e total desrespeito à dignidade humana, onde os negros sofriam castigos físicos e estavam sujeitos a todos os tipos de violência tanto físicas, como verbais e também psicológicas. Essa passagem triste da história do país, Maria Firmina dos Reis denuncia em sua obra Úrsula:

Meteram-me a mim e mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão, fomos amarrados em pé e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para o recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. (REIS, 2017, p. 72).

O tráfico negreiro, como ficou conhecido, ao longo dos séculos tornou-se uma tragédia para mundo deixando bem claro que o negro representava para os brancos uma criatura incapaz de escolher o seu próprio destino, pois o tráfico havia se tornado uma atividade comercial de alta rentabilidade e cada vez mais, negros vindos de várias nações africanas chegavam ao Brasil.

A escravidão e seus horrores foram justificados pelos brancos com a desculpa de que o negro era uma raça inferior em relação aos brancos e, que por esse motivo, deveria estar em uma situação servil e de domínio. Tal questão deixou marcas sociais que até hoje são difíceis de serem apagadas, pois desde o povoamento dos negros africanos no Brasil, os mesmos sempre foram considerados um povo que deveria estar à margem da sociedade.

A imagem social do negro foi associada a estereótipos negativos que o definiam de forma subalterna, submissa e deplorada, muitas vezes vistos como animais, pois assim foram tratados, fez com que essa imagem perdurasse vários séculos, impossibilitando assim o negro de reconhecer-se, de representar seu grupo, de ter uma identidade e muitas vezes até negar essa identidade, pois segundo SOUZA (2006):

A identidade refere-se à imagem que as pessoas têm de si próprias e que os outros tem delas. Os elementos fundamentais na elaboração são a língua que o povo fala, o lugar em que vive, um passado comum, os valores em que todos acreditam ou deveriam acreditar. As identidades de uma pessoa podem ser muitas e mudam ao longo da sua vida. Elas servem para que as pessoas se sintam parte de um grupo, com semelhanças entre si, e que se diferenciem das pessoas que fazem parte de outros grupos étnicos, com outras características. As identidades servem para que os membros de um grupo se identifique um com os outros e para que outros os identifique como membro de um grupo distinto. (SOUSA *apud* FROEHLICH, 2012, p. 62).

A identidade e os aspectos formadores da sua construção e do seu desenvolvimento estão intrinsecamente ligados aos processos de socialização, portanto, a forma como a figura do negro foi abordada diante de diversos aspectos marginalizadores pela a sociedade fez com que este aos poucos fosse perdendo a sua identidade e sobre ele prevaleceu a imagem social estereotipada.

Essa imagem que é depositada no negro, faz com que o mesmo como ser social perca a sua identidade materna, ou seja, do seu país de origem. Quando o africano chegou ao Brasil como cativo, um lugar diferente do espaço que antes ele habitara, cheio de hostilidades, ficou mais difícil ainda a afirmação dessa identidade, pois as imagens sobre ele serão sempre negativas, pois já são advindas de várias outras partes da Europa e também da própria África.

Segundo Piza (1998) Tanto as identidades grupais quanto pessoais são produtos de um processo de categorização. As estereotipias formuladas sobre o negro são fruto das relações sociais que foram sustentadas pelos brancos ao categorizar o negro como raça inferior, na tentativa de ocultar seus verdadeiros traços identitários, seja como indivíduo ou como pertencente a um grupo social.

Dessa forma, a escravidão não foi somente um sistema econômico, a mesma definiu condutas, moldou a sociedade brasileira através de desigualdades sociais e principalmente, raciais, criando simultaneamente a opressão e a discriminação social e a ideia de que a raça branca era superior, resultante da dicotomia colonizador/colonizado.

Os campos políticos, sociais, econômicos e culturais funcionavam regidos pelos moldes europeus. Segundo Cuti (2010, p. 12) “o campo da cultura, incluindo a literatura deveria obedecer aos padrões da metrópole que obedecia aos padrões da Europa” que baseavam-se em teorias racistas de superioridade de brancos em relação ao grupo étnico negro.

Assim se deu o início da construção da imagem do negro na sociedade brasileira, através de uma raça estigmatizada por mitos e por teorias raciais, onde sua representatividade foi formada em meio ao preconceito e ao racismo em todos os segmentos sociais que vai influenciar de forma direta na imagem do negro na literatura, fato este que ficará mais bem evidenciado pela observação dessas imagens na literatura brasileira.

2.1 As primeiras imagens do negro do Barroco ao Arcadismo Brasileiro

A literatura é uma arte na qual através dela, um povo reproduz a época em que vive os momentos históricos, sócio-políticos e culturais, dos quais influenciam diretamente no seu cotidiano. É através dela também, que se perpetuam comportamentos sociais, modo e estilo de vida, portanto, seu papel é fundamental para a história da humanidade. Segundo Cuti (2010):

A literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque de sua recepção, leque este que se altera no decorrer do tempo em face de novas pesquisas. Nem a teoria nem a crítica literária se furtam a ação do tempo e, portanto, de alterações a elas atinentes. (CUTI, 2010, p. 13).

É através da literatura que os autores transmitem os valores e os ideais de uma época, embasados pela influência do tempo e do lugar onde vivem. Entretanto, a literatura no Brasil estava embasada nos moldes literários europeus e enquanto colônia deveria obedecer a estes moldes, pois era uma fonte a ser explorada pela metrópole, tanto pelas matérias-primas, quanto pelo povo que aqui vivia, pelo seu modo de vida, comportamentos e até mesmo do pensamento.

Basicamente a forma de escrever estava atrelada a intenção de agradar o público de fora do país e, não necessariamente, ao grupo brasileiro, assim, respondia aos costumes e hábitos de uma cultura estrangeira, baseada no Eurocentrismo, que segundo BONNICI (2005):

É o processo pelo qual o arcabouço cultural europeu assume uma posição central, universalista, fixa e irremovível. A projeção do mapa de Mercator e a arrogância dos textos dos séculos 16-19 são instâncias que apresentam o mundo aberto para a dominação e a apropriação por causa da suposta superioridade da Europa em cultura, comércio, descobertas científicas, literatura e educação [...] (BONNICI, 2005, p. 29-30).

Essa suposta superioridade da Europa em cultura, se manifesta nas demais literaturas dos seus países colonizados. Eles se veem num padrão de desenvolvimento e civilização no qual seus colonizados estarão sempre à margem, em contraposição a sua cultura, onde o que irá prevalecer serão os seus moldes de criação.

No início do século XVI, o que se tem de registro da literatura brasileira são os textos de informação, escritos por viajantes, cronistas estrangeiros e brasileiros que viajavam nas expedições que foram enviadas para o Brasil. Segundo Bosi (2006, p.15) “enquanto informação, não pertencem à categoria do literário, mas à pura crônica histórica”. Os textos tinham como objetivo informar à metrópole sobre o que a colônia tinha a oferecer e através deles, hoje é possível saber como o Brasil se encontrava antes do negro chegar ao Brasil e durante a colonização.

Através de textos descritivos falava-se da paisagem natural, da biodiversidade e dos povos nativos aqui encontrados. No trecho da carta de Pero Vaz Caminha a D. Manuel pode-se observar a descrição de Caminha a respeito da terra e dos nativos, quando os negros ainda não tinham chegado ao Brasil:

De ponta a ponta é toda praia...muito chã e muito fremosa. (...) Nela até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata...porém a terra em si é de muitos bons ares assim frios e temperados como Entre-Doiro-e-Minho. Águas são muitas e infinitas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem, porém o melhor fruto que nela se pode fazer me parece salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar”. (CAMINHA *apud* BOSI, 2006, p. 15).

No século XVII inicia-se o Barroco (1601-1768) influenciado pelas correntes europeias que viviam um momento de instabilidade religiosa causada pela Reforma Protestante. A literatura barroca era voltada para a religiosidade e a fragilidade da vida humana, e na maioria dos textos pode-se observar a sátira como forma de protesto à sociedade e a Igreja Católica.

O negro começa a aparecer no Barroco através da imagem de “escravo” nos versos de um dos escritores de maior destaque da época, Gregório de Matos Guerra (1636-1696), que ficou conhecido pela sua obra sacra, lírica e satírica principalmente, onde criticava a política, a religião e a sociedade do seu tempo.

Suas sátiras causaram mal estar na colônia ao criticar tanto os governantes, como senhores de engenho, os fidalgos e os católicos. Através da imagem de escravo, o negro aparece como uma alegoria, com o intuito apenas de criticar a sociedade católica, é o que se observa no trecho a seguir:

“Pois no que toca a guardar
Dias santos e domingos,
Ninguém vejo em mim que os guarde,
Se tem em quem ganhar gimbo.
Nem aos míseros escravos
Dão tais dias de vazio
Porque nas leis do interesse
É preceito proibido (MATOS *apud* RAMOS, 1942, p. 273).

Acima, Gregório de Matos critica a imposição dada pelos brancos católicos que não permitiam a presença dos negros na catequese, pois guardar os domingos e dias santos para ir à igreja, significava menos trabalho por parte dos escravos e menos lucro para os senhores de engenho.

Sua intenção foi apenas de criticar o uso abusivo do trabalho escravo mediante a ganância da fidalguia e não de denunciar as exaustivas horas de trabalho a que o negro era submetido, ou seja, o negro foi usado apenas como um objeto no pano de fundo da crítica, pois a sociedade achava normal o trabalho escravo.

Segundo Bosi (2006, p.15) “Conhecem-se as diatribes de Gregório contra algumas autoridades da colônia, mas também palavras de desprezo pelos mestiços e de cobiça pelas mulatas”. Criticava a sociedade e esboça as mulatas sob o estereótipo de mulatas sensuais e sexuais. Era um moralista que não suportava a corrupção entre os poderosos e mostrava-se sempre insatisfeito com os costumes do seu tempo, por isso criticava a sociedade por fazer tanto uso da mão de obra negra, visando apenas o interesse nos lucros.

Permanecendo ainda como alegoria e numa visão distanciada enquanto sujeito, o negro aparece através das “subdivisões” atribuídas à sua raça. Pretos, mestiços e mulatos, termos usados preconceituosamente na sociedade, foram usados por Gregório de Matos em sua sátira que criticava o governo, mais precisamente da Bahia, para reivindicar valores perdidos na sociedade da época que já se encontrava em meio a um número muito grande de negros no qual o poeta hostiliza a mistura entre as raças que gerou a mestiçagem:

Quem são seus doces objetos?... Pretos
 Tens outros bens mais maciços?... Mestiços
 Quais destes lhe são mais gratos? Mulatos
 Dou ao demo os insensatos,
 Dou ao demo gente asnal,
 Que estima por cabedal
 Pretos, mestiços e mulatos. (MATTOS, 1976, p. 37).

O poeta satirizava os governadores da colônia em relação aos seus costumes e abusos de poder, criticava os mestiços por acreditar que os mesmos ocupavam um lugar demasiado na sociedade, pois estava incomodado com a mestiçagem que estava cada vez mais comum na sociedade.

Em seus versos, o também conhecido como “O Boca do Inferno”, por ser pessimista e rancoroso, é muito comum palavras de desprezo ao negro e aos mestiços e as mulheres negras, trazendo-as como lascivas, sensuais e sendo objeto sexual e de total repugnância física, como no trecho a seguir:

Dize-me, Maria Viegas
 qual é a causa que te move,
 a queres que te prove
 todo homem a quem te entregas?
 jamais ninguém te negas,
 tendo um vaso vaganau,
 e sobretudo tão mau,
 que afirma toda pessoa,
 que a fornicou já que enjoa,
 por feder a bacalhau. (MATTOS, 1992, p. 149).

Gregório de Matos foi um dos primeiros poetas a incluir a mulher negra em seus versos, entretanto, à sua imagem são atribuídas qualidades pejorativas. Acima, pode-se perceber como a mulher negra é concebida nos versos da época, estigmatizada e desmoralizada é submetida a palavras ofensivas e depreciativas.

Outro autor de destaque no Barroco foi o Padre Antônio Vieira (1608-1697), que enquanto noviço acompanhou os jesuítas em uma aldeia indígena, logo depois, retornou à Bahia para aprimorar seus conhecimentos e acaba adentrando-se na escola Barroca. Vieira se mostrou incomodado com a situação do negro escravizado e também com os índios pregando vários sermões que tinham o propósito de criticar a sociedade só que de forma mais branda.

Segundo Alfredo Bosi (2006, p. 49) “Nem se diga que Vieira foi insensível ao escravo negro preterindo-o no ardor da defesa indígena. No Sermão XIV do Rosário, pregado em 1633 à Irmandade dos Pretos de um engenho baiano, ele equipara os sofrimentos de Cristo ao dos escravos...”. Neste sermão, o negro padece no engenho como Cristo padeceu na cruz, está despido como Cristo esteve despido, passou fome e foi maltratado como Cristo Jesus, tal discurso se torna mais forte pelo fato de que os ouvintes eram os próprios negros.

No sermão XXVII do Rosário, Padre Vieira propõe a alforria da alma humana como direcionamento do seu discurso, pois segundo ele ao senhor de engenho pertencia o corpo do escravo, mas sua alma pertencia a Deus, é o que se nota no trecho:

Assunto do presente sermão: a Irmandade da Senhora do Rosário propõe a todos os escravos uma carta de alforria, com que gozarão a liberdade eterna na segunda transmigração para a outra vida, e com que se livrarão nesta do maior cativeiro da primeira (VIEIRA, 1633, p. 01).

Segundo Vieira, o escravo foi um escolhido para receber a salvação, por isso através da aceitação da sua condição enquanto escravo, ele poderia entregar sua alma a Deus e suas aflições e suas dores seriam amenizadas através do Divino, pois a alforria seria a da alma.

Após o Barroco surge o Arcadismo (1768-1836) trazendo consigo a sátira, a poesia e a ideologia em seus textos e tem como principal representante Claudio Manoel da Costa, autor de “Obras Poéticas” (1768). É nesse momento que a literatura brasileira passa por algumas mudanças, pois o Arcadismo brasileiro se deu em meio à Inconfidência Mineira, movimento revolucionário que pretendia que o país se tornasse independente de Portugal.

O que se defendia com o movimento, era a liberdade e a igualdade de direitos entre os homens, em que o país pudesse ter sua independência política, pois toda a riqueza produzida era destinada à Coroa Portuguesa. Cecília Meireles, embora não seja uma autora árcade, passou a reescrever de forma poética, os momentos mais expressivos da Inconfidência:

Vão cavalos, vêm cavalos,
Por cima da Mantiqueira.
Donas espreitando as ruas,
Pelas grades de Urupema.
Padres escrevendo cartas...
Doutores lendo Gazetas...
Uns querendo ouro e diamantes,
Outros, liberdade, apenas... (MEIRELES, 1991, p. 468).

Muitos dos participantes da Inconfidência eram a favor da abolição da escravidão, entretanto, esta não era a principal causa do movimento que busca a liberdade pelo viés da Independência do Brasil, e a partir disso, o cenário político do país vai passar por mudanças consideráveis. Nessa perspectiva, o negro se torna praticamente inexistente nas histórias, mas foi a partir do final do XVII, que os movimentos a favor da liberdade trouxeram a necessidade de pensar na liberdade como um todo.

3 OS ESTEREÓTIPOS DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

A imagem social que foi atribuída ao negro na sociedade brasileira, influenciou de forma direta na imagem que foi construída sobre o mesmo na Literatura Brasileira, por isso, torna-se relevante observar as características físicas e psicológicas que foram projetadas em sua imagem que foi vinculada aos estereótipos com o intuito de negar-lhe como ser humano e de desestabilizá-lo enquanto raça.

Desde o século XVI, todo o percurso do negro na literatura brasileira é marcado por aspectos de marginalização que culminam na literatura em dois momentos: no primeiro o negro é objeto resultante de uma literatura vaga, enquanto sua raça é considerada inferior, e no segundo, o negro passa a ter presença recorrente nas obras de acordo com a época em que foram escritas. É no século XIX que essa presença torna-se marcante, pois em obras como “*A Escrava Isaura*”, “*O Mulato*”, “*Memórias de um sargento de milícias*,” e “*Vítimas alagozes*”, é possível apontar os estereótipos do negro revelados através das práticas e relações sociais que influenciaram a literatura.

Em “*A trajetória do negro na literatura brasileira*” de Domício Proença Filho, o autor traz dois posicionamentos sobre o negro e sua trajetória na literatura. O primeiro, no qual muito se aproxima do que se analisa no presente trabalho, é a condição do negro como objeto, numa visão distanciada. Segundo o autor, essa visão distanciada:

[...] Configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante [...]. (PROENÇA, 2004, p. 01).

Praticamente invisível, o negro passa a ter visibilidade nos textos à medida que aparece como personagem, mas sob uma visão distanciada da estética branca dominante que tem sobre ele uma visão distorcida da sua realidade. A partir daí, o negro passou a aparecer nas histórias com o corpo animalizado, sua capacidade inteligível foi reduzida, era detentor de uma linguagem estranha e

incapaz de aprender e compreender o idioma do branco, apresentando-o como um ser ilógico.

A Literatura Brasileira de forma maciça era feita por brancos e para os brancos, em meio a várias teorias racistas que vinham se difundindo por todo o mundo deixando o negro num universo social reduzido. A representação negra, advinda do sistema escravocrata, apresentava a raça negra através de características fenotípicas e traços fisionômicos que passaram a ser objeto de classificação através da diferença entre as raças.

Segundo Luis Silva Cuti (2010, p. 64) “A literatura Brasileira de brancos vai se pautar pela tarefa de reforçar os estereótipos da vida cotidiana, cuja função era de impedir a autoestima do africano escravizado e de sua descendência”. O espaço individual e coletivo do negro não deveria ultrapassar a barreira das relações sociais impostas desde a escravidão, logo o negro e seus descendentes eram a minoria à margem da sociedade, numa posição de inferioridade cuja sua identidade era pautada sob o olhar negativo dos brancos.

Percebe-se que os estereótipos vão sendo construídos à medida que o negro e sua participação na literatura se desenvolvem, mas numa visão simplificada onde são tidos primeiramente como: objetos, selvagens, sujos, feios, maus e, posteriormente como desonestos, covardes, sensuais (especialmente as mulheres) feiticeiros, incapazes, etc. onde o negro vai ter sempre características negativas e, o branco, características positivas.

Diante disto, faz-se necessário entender o que é o estereótipo reproduzido pela estética branca dominante e como o mesmo se reflete diante de um determinado grupo dentro da sociedade. Dentre vários autores que estudam este termo, o que melhor nos esclarece sobre o estereótipo é SILVA, pois para a autora:

Estereótipo corresponde a uma visão simplificada de uma pessoa (ou de um grupo de pessoas) que constrói uma ideia negativa a respeito de uma outra pessoa (ou de um grupo de pessoas) seja pelo pertencimento étnico-racial, pela religião, pela classe social, pela opção sexual, pela idade, etc. dessa outra pessoa (SILVA, 1995, p. 43).

Fica evidente então, que há vários tipos de estereótipos, abrindo um leque de rótulos sociais criados através de características individuais que posteriormente definirão as características de um grupo, configurando-se numa

forma de simplificar e generalizar pelos julgamentos negativos do “outro”, ou seja, o negro é quem passa a ser julgado, pois este “outro” é o branco que produz as obras, portanto, o que irá prevalecer será o seu ponto de vista e seus julgamentos, pois é somente ele que tem vez e voz na sociedade.

O estereótipo funciona como uma imagem pronta, servindo de certa forma, como mediador entre a relação do indivíduo e sua realidade social que na prática, nada mais é ligar características negativas e positivas a um indivíduo ou a um grupo, onde as relações de poder implicam diretamente sobre essa dinâmica.

Diante dessa perspectiva, os personagens brancos são construídos sempre sobre uma semântica positiva, onde ele será representado como intelectual, seus traços fisionômicos e fenotípicos serão descritos como modelo de perfeição humana, onde sua inteligência e sua raça serão sempre superiores às demais raças. Entretanto, os personagens negros serão construídos totalmente o oposto do personagem branco, tornando inviável o processo de construção dos personagens negros, pois o intuito não é construir um personagem negro, mas sim, enaltecer um personagem branco através das estereotípias.

Em “*A escrava Isaura*” (1872) de Bernardo de Guimarães, Isaura é uma escrava que recebeu educação europeia por sua senhora, por isso, seu modo de falar e de se vestir é de uma pessoa branca. Isaura é uma das poucas personagens negras descritas de forma positiva neste período da literatura, mas o fato é que esta personagem passa por um processo de branqueamento quando seus aspectos físicos e psicológicos a descrevem como uma moça branca. Ao observar a elaboração desta personagem Jean-Yves Mérian afirma:

De certa forma Isaura é uma ilustração dos aspectos positivos do branqueamento, da fusão-diluição do ‘elemento africano’, da limpeza do sangue que nada mais é que uma forma de aniquilar as referências à origem afro-brasileira pelo lado materno. A relação entre mito e literatura está perfeitamente ilustrada na elaboração desta personagem, que no fim do romance, casa-se com um ‘branco de lei’ ilustrando assim o processo de integração-assimilação-branqueamento. (MÉRIAN, 2008, p. 52).

Dessa forma, observa-se a incapacidade do autor de conceber uma protagonista negra, negando-lhe sua cor e embranquecendo-a, utilizando-se assim de vários artifícios para que os personagens fossem aceitos pelo público leitor da

época, assim, surge um dos estereótipos mais usados pelos autores, o de “negro nobre”, carregado de várias características da raça branca.

Na obra, Isaura aparece como o “negro nobre”, mas é uma mulher submissa à sua senhá e se comporta de forma educada para viver em meio aos brancos, todos os luxos e costumes que a mesma adotou, se torna uma espécie de aceitação da submissão porque Isaura diz reconhecer que seu lugar é na senzala, é o que se observa na fala de Isaura ao conversar com sua senhá no trecho a seguir:

[...] – Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?...São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

- Queixas-te de tua sorte, Isaura?

- Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar. (GUIMARÃES, 1983, p. 13)

Isaura aparece no enredo como uma pessoa pernóstica, que buscava a estima da sua senhá Malvina, mas ao mesmo tempo, aparece sobre o estereótipo de “negro vítima” onde na própria fala da personagem, ela se reduz à senzala, onde mais uma vez se torna um ser servil e subalterno.

Escrava Isaura, traz consigo, o estereótipo de “escravo nobre” que é uma das consequências do branqueamento, pois, considerava-se o negro em sua essência uma criatura vil, sem modos e que para ficar próximo do branco, deveria receber educação branca. Dentre tantas características que a distanciavam do seu grupo étnico, surge Rosa para contracenar com Isaura, pois Rosa surge no enredo, dotada de vários estereótipos, dentre eles, o de mulher exagerada na sensualidade.

Em “*O Mulato*” (1881) de Aluísio de Azevedo, o racismo social fica evidente quando Raimundo, descrito como “belíssimo” mulato de olhos azuis, é impedido de casar-se com uma moça branca por ser negro e a mesma acaba se casando com um homem branco.

O Mulato traz também o estereótipo de “negro vítima” quando na tessitura dos fatos Raimundo é assassinado com um tiro nas costas para assim ser impedido de casar-se com sua amada, pois mesmo o personagem apresentando características do estereótipo “negro nobre”, descrito como intelectual e estudante

de Direito pela Universidade de Coimbra, ainda assim é vítima da discriminação racial e social, como se observa no trecho a seguir:

Ora o quê, homem de Deus! Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria, seu Manuel, que dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos, queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? Ora, seu compadre, você às vezes até me parece tolo! Manuel baixou a cabeça derrotado. (AZEVEDO, 2003, p. 30).

No trecho acima, padre Diogo se refere a Raimundo de forma extremamente racista por ser negro e filho de uma negra escrava. Tanto Isaura, como Raimundo, são negros e filhos de escravos, mas aparecem no enredo numa posição de submissão e humilhação, não fugindo das práticas literárias da época que respondem a cultura escravagista em que sempre estão presentes as dicotomias, rico e pobre; livre e escravo.

Estes dois personagens são apresentados como nobres, mas de acordo com Domício Proença Filho (2004, p.162), “essa nobreza identifica-se claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista que o primeiro pretende empunhar e da denúncia de preconceito assumida pelo segundo”. Portanto, mesmo em meio a tantas características positivas, essas são características da classe dominante, declarando sempre a submissão, a inferioridade e a subalternidade que eram impostas ao negro.

Dentre vários estereótipos, surge o “negro infantilizado”, onde o negro irá apresentar comportamentos infantis, impensados ou que não condizem com a realidade, ou até mesmo será tratado como criança através de suas ações.

Em “*O Demônio Familiar*” (1857), de José de Alencar, em vários trechos da obra, o personagem branco Eduardo fala com seu escravo dando um entendimento que o mesmo se comporta como criança: “Ah! O senhor ainda brinca com soldados de chumbo...” (ALENCAR, 1857 p. 53). Na peça teatral de Alencar, Pedro é um escravo que sonha em ser um cocheiro e para realizar esse sonho vai se meter em várias encrencas, por isso é descrito como escravo-demônio, preguiçoso, vagabundo e desobediente, enquanto que o seu Senhor, Eduardo, é um exemplo de homem correto e civilizado.

O negro aparece nas histórias como um ser perturbador do seio familiar, que arruma confusões e situações de desarmonia entre as famílias e a sociedade

como um todo. As histórias narradas, vão sempre mostrá-lo a fim de transmitir os valores sociais, onde o negro é o agente que sempre virá em desacordo a esses valores.

As diferenças entre o personagem negro e o personagem branco evidenciam-se pelas suas falas, enquanto Eduardo fala através da racionalidade e da inteligência, Pedro, fala através da esperteza que nada tem a ver com inteligência, como se observa neste trecho quando Pedro tenta convencer Carlotinha a casar-se com um pretendente rico:

[...] Meio dia, nhãnhã vai passear na rua do Ouvidor, no braço do marido. Chapeuzinho aqui na nuca, peitinho estufado, tundá arrastando só! Assim, moça bonita! [...] Quando é de tarde, carro na porta; parelha de cavalos brancos, fogosos; Pedro na boléia, direitinho de chapéu de lado, só tenteando as rédeas, [...] De noite, baile de estrondo, como baile do Sr. Barão de Meiriti [...] (ALENCAR, 1857, p. 10).

Em várias obras o negro quando não silenciado, foi trazido como um sujeito não possuidor do dom da linguagem, tempos mais tarde, já possuidor de uma linguagem própria, esta era informal e considerada estranha pelos brancos. A linguagem era usada para estabelecer um status social, um instrumento de poder, portanto, a linguagem formal seria a do branco e a informal seria a do negro.

Além da linguagem, o corpo e a sexualidade do negro foram submetidos a estereótipos também, principalmente em relação às personagens negras femininas. As mulheres negras não aparecem como mães e, quando aparecem são mães de filhos bastardos, frutos de relações com seus senhores e quanto aos seus atributos físicos, estão sempre ligados à sensualidade, à lascívia e a objeto sexual.

A literatura feita pelo grupo euro-brasileiro movida pelo racismo criava o negro a partir de estereótipos negativos e reforçava a “incompatibilidade” entre as raças, pois segundo David Brookshaw (1983, p. 17) “Tal incompatibilidade remonta ao simbolismo original inerente às cores a equação branco-pureza e, portanto, moralidade versus preto-perversidade, logo imoralidade”. No qual os discursos tinham como função estratégica hierarquizar as raças pelos seus comportamentos, costumes, características físicas, biológicas, intelectuais e culturais.

O princípio básico para manter forte essa hierarquia, era a valorização do próprio grupo que construía esses discursos, onde tudo que se encontrava fora ou à margem do grupo dominante, era considerado inferior ou fora do normal, por isso,

criou-se tantos estereótipos sobre o negro, todos negativos negando-lhe sua identidade, sua representação social e principalmente a literária.

Em “*Memórias de um sargento de Milícias*” (2010), a personagem Vidinha é descrita de forma que seu corpo é o aspecto mais importante da sua apresentação e são ressaltados seus seios, sua cintura e seus lábios, fazendo-a parecer provocante aos olhos de Leonardo:

“Vidinha era uma mulatinha de dezoito a vinte anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada” (ALMEIDA, 2010, p. 131).

A forma como a personagem foi descrita, é totalmente o oposto da personagem branca, Luisinha, com quem Leonardo acaba se casando após ganhar sua patente, pois seu novo posto social não ficaria bem ao lado de uma mulher que vivia em meio a festas, pois para a época, as mulheres brancas deveriam seguir o modelo europeu, serem virgens, religiosas e dignas de total respeito.

É claramente perceptível que o autor não consegue descrever a mulher negra com adjetivos positivos. Nota-se uma necessidade de usar os adjetivos negativos para assim legitimar a presença da mulher negra através da depreciação e negar o seu papel na literatura e na sociedade através do rebaixamento moral, com condutas duvidosas.

Outra passagem do livro “*Memórias de um sargento de Milícias*” demonstra a sensualidade da qual a mulher negra não escapa nos livros, é quando na história fala do rancho formado por negras baianas na procissão e que estas atraem tantos olhares como os santos, porém por um motivo totalmente inverso:

Todos sabem o modo como se vestem as negras da Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto, não aconselhamos porém que ninguém o adote; um país em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fossem desses abençoados em que elas são especialmente alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de pecados (ALMEIDA, 2010, p. 80)

Pela passagem acima, nota-se o tom de crítica às vestimentas das negras baianas, embora o autor reconheça que é um bonito traje, o mesmo se resume a algo ligado à perdição e pecados. Assim se configura outro elemento que recai

sobre o negro, quando o mesmo é retratado como um ser bestial, onde a luxúria se faz presente na vida de personagens negros e o mesmo aparece como imoral, erótico, e muitas vezes até praticante de magia sexual.

O “negro vilão” é um estereótipo que predominou na maioria das obras, como exemplo temos “*As Vítimas Algozes*” (1869) de Joaquim Manoel Macêdo, que inicia sua obra com uma advertência: “O escravo que vamos expor aos vossos olhos é escravo de vossas casas e de nossas fazendas, o homem que nasceu homem e que a escravidão o tornou fera” (MACEDO, 2010, p. 19). O negro se torna um monstro e, o seu senhor, a vítima de tal monstruosidade, quando na verdade, o escravo é que é a vítima. Essa troca de papéis e, principalmente de valores, denuncia todo o discurso senhorial criado pela sociedade que tanto se beneficiava do trabalho escravo e que era contra que este chegasse ao fim.

A intenção do autor com a obra acima citada era de chamar a atenção da sociedade da época para a emergência de se acabar com a escravidão, pois a mesma só traria mal aos senhores brancos e não aos negros.

O “negro vilão” capaz de cometer crimes na presente obra é apresentado através do personagem Simeão crioulo, um homem amargurado e frustrado pela sua condição de escravo e que odeia seus senhores Caetano e a sua mulher Angélica. Certo dia, ao ser pego tentando roubar uma joia, Simeão é castigado e seu comportamento descrito no enredo, mostra um homem cheio de ódio:

[...] ele com os olhos turvos e como em olhar febril mediu de alto a baixo o senhor que tão justamente o castigara, e a senhora-moça que tão piedosamente corra a poupá-lo a maior e bem merecida punição. [...] Simeão odiava o senhor, que o castigara com açoite, odiava a senhora que nem sequer o castigara, e, inexplicável nuança ou perversão insensata do ódio, odiava mais que todos Florinda, a senhora-moça, a santa menina que ofendida por ele, tão pronta lhe perdoara a ofensa, tão prestes lhe precipitara a livrá-lo do açoite. (MACEDO, 2010, p. 35).

Comumente o negro é concebido nas histórias como uma pessoa traiçoeira ou covarde, alguém sem caráter e capaz de cometer crimes contra seu patrão, além de não demonstrar afeto por aqueles que na medida do possível, possuem certo carinho para com ele. Embora Simeão tenha a consideração pela parte dos senhores que o viram crescer, da sua parte só brota os piores sentimentos dentro de seu coração, neste caso, Simeão é pura falsidade de um lado e vilania do

outro, um paradoxo para época, pois como se sabe o negro não despertava bons sentimentos em seus senhores.

A falsidade, a hipocrisia e a vilania são atribuídas ao personagem negro, enquanto que a família de seus senhores é demonstrada como modelo de família, sagrada, íntegra onde reinam a ordem e paz. Simeão só consegue guardar rancor dentro de si, o que torna o enredo de Macedo de cunho ameaçador às famílias, mostrando que ao negro não devem se misturar nem demonstrar afeto.

Além de um negro tomado pelo ódio, comparada a sua fúria como a de um animal selvagem, o corpo do negro é estereotipado a partir da erotização e da lascívia. Simeão foi descrito como desmoralizado, obsceno, que obedece aos instintos sexuais como animal:

O crioulo mal criado e infrene pelos hábitos da impunidade não se atrevia, é certo, a sonhar desejo criminoso e horrível contra a pureza angélica da senhora-moça; mas no desprendimento licencioso da língua envenenada, e nas obscenas imaginações de escravo desmoralizado e só ideador de gozos materiais, apreciava a seu modo, e supunha exaltar, quando aviltava, as graças e os modos, o olhar, e o riso, as formas e os movimentos do corpo da senhora-moça; e no meio de risadas dos parceiros, fazia o elogio dos dotes físicos de Florinda, como se tratasse da escrava libidinosa e corrupta, com quem na noite antecedente dançara o fado que apenas precedera a lubricidade brutal. (MACEDO, 2010, p. 45-46).

Nessa obra o autor mostra Simeão, com uma pessoa ingrata, perversa que possui características psicológicas das mais horríveis, já que não tem consideração aos seus padrões e muito menos a senhora-moça Angélica. Nota-se também pela passagem acima como o autor se refere à escrava negra como “libidinosa e corrupta”, depois de mostrar a personagem branca que já teria sido apresentada como uma donzela.

Nesse contexto, “Lucinda, a mucama” apresenta um papel bem parecido com o de Pedro, de o Demônio Familiar, que é o de desestabilizar a família de seus senhores. Lucinda foi dada a Cândida como presente para fazer-lhe companhia, as duas passam a ter várias conversas que não eram apropriadas para Cândida que era ainda uma menina, despertando nela interesse sobre rapazes, sobre namoro e sobre namorar muitos homens ao mesmo tempo.

Enquanto Cândida é mostrada através da pureza, da virgindade e inocência, Lucinda aos doze anos é apresentada já como uma mulher. Segundo a

trama, Lucinda foi criada em meio à luxúria, era pervertida e de sensualismo brutal, por isso, passou a influenciar Cândida através de atos maliciosos:

A escrava abandonada ao desprezo, crescendo no meio da prática e dos vícios mais escandalosos e repugnantes, desde a infância, desde a primeira infância, testemunhando torpezas de luxúria, e ouvindo eloquência lada da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciência de sua perversão, e não pode mais viver sem violenta imposição fora da atmosfera empestada de semelhantes costumes, e das suas ideias sensuais; a mucama, pois, colocada ao pé da menina inocente, inexperiente e curiosa, leva-a, arrasta-a tanto quanto lhe é possível, para a conversação que mais a encanta, para as ideias e os quadros para o seu sensualismo brutal. (MACEDO, 2010, p. 173).

Lucinda é apresentada como uma mulher lasciva e que cresceu em meio a luxúria, percebe-se então que as mulheres negras são o contraste sexual, possuindo propriedades eróticas e valores comportamentais que jamais seriam atribuídos às mulheres brancas, ou seja, ao corpo da mulher negra é atribuída à impureza e a sujeira, já o corpo da mulher branca é limpo e puro.

O corpo negro é estereotipado à medida que é apresentado como um ser que se entrega facilmente aos seus instintos sexuais, agindo como primitivo e selvagem. Além de desrespeitador e objeto desestabilizador da moral que a classe dominante prega para a sociedade em geral, é como se o negro vivesse em meio a bacanais, tendo relações sexuais como animais, em meio a todo o seu grupo.

O menosprezo ao corpo negro e suas qualidades físicas e, sobretudo, às heranças africanas, resumem o negro a uma criatura horrenda, uma pessoa feia e de aparência física repugnante. A personagem estereotipada desta vez é Pai-Raiol, da mesma obra *“Vítimas algozes”*, um escravo africano possuidor dos piores atributos físicos para fazê-lo parecer uma figura que desperta horror e medo:

Era um negro africano de trinta e seis anos de idade, um dos últimos importados da África pelo tráfico nefando: homem de baixa estatura, tinha o corpo exageradamente maior que as pernas; a cabeça grande, os olhos vesgos, mas brilhantes e impossíveis de se resistir à fixidade do seu olhar pela impressão incômoda do estrabismo duplo, e por não sabermos que fluência de magnetismo infernal; quanto ao mais, mostrava os caracteres físicos da sua raça; trazia nas faces cicatrizes vultuosas de sarjadoras recebidas na infância: um golpe de azorrague lhe partira pelo meio o lábio superior, e a fenda resultante deixara descobertos dois dentes brancos, alvejantes, pontudos, dentes caninos que pareciam ostentar-se ameaçadores; sua boca era como pois mal fechada por três lábios; dois superiores completamente separados, e um inferior perfeito: o rir aliás muito

raro desse negro era hediondo por semelhante deformidade; a barba retorcida e pobre que ele tinha mal crescida no queixo, como erva mesquinha em solo árido, em vez de ornar afeiava-lhe o semblante; uma de suas orelhas perderam o terço da concha na parte superior cortada irregularmente em forma de castigo ou em furor de desordem; e finalmente braços longos prendendo-se a mãos descomunais que desciam à altura dos joelhos completavam-lhe o aspecto repugnante da figura mais antipática. (MACEDO, 2010, p. 86).

Ao traçar o perfil estético de Pai-Raiol, não foram medidos os esforços para concebê-lo como uma pessoa horrenda, “de aspecto repugnante e como uma figura antipática”, como nas palavras do autor, para causar medo e terror a quem o visse. Na trama Pai-Raiol desperta medo não só por sua aparência física, mas também por ser praticante de roubos, por conhecer ervas que envenenam, por matar e conhecer o sobrenatural, e, como senão bastasse Pai-Raiol ser descrito como uma criatura de terror por fora, por dentro, seu aspecto é ainda mais causador de medo e horror.

Como se sabe, a religião e a cultura do negro Africano não foram vistas com bons olhos no Brasil porque as religiões de matrizes africanas eram consideradas um culto ao sobrenatural, ao obscuro, ao desconhecido. Sob esse aspecto, surge um novo estereótipo sobre o negro, “o negro feiticeiro”. Na obra, Pai-Raiol, é segundo o autor, “praticante de feitiçarias” e essa prática é considerada como um mal para a sociedade, como se nota nesta passagem:

Essa prática de feitiçaria organizada, instituídas com cerimônias e mistérios, embora repugnantes e ignóbeis, é uma peste que nos veio como escravos d’África, que desmoraliza e mata muito mais do que se pensa, e que há de resistir invencível a todas as repressões, enquanto houver escravos no Brasil, e ainda depois da emancipação dos escravos, enquanto a luz sagrada não destruir todas as sombras, todos os vestígios negros da escravidão que nos trouxe da África as superstições, os erros, as misérias, e as torpidades da selvaticidade. (MACEDO, 2010, p. 81).

Acima, observa-se com clareza que o negro desmoraliza e mata a sociedade através da sua religião, quando na verdade, o que de fato acontece, é somente a ligação do negro à feitiçaria, pois a feitiçaria seria “coisa de negro” e originária da África e que só acabaria caso a escravidão viesse ao seu fim.

Inúmeros são os estereótipos que circundam o negro na Literatura Brasileira, entretanto, essa reprodução de estereótipos só trouxe atrasos sociais para o país, trazendo malefícios à raça negra que por séculos sofreu injustiças, opressões e humilhações através das mazelas da sua condição de escravo.

4 O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA

O século XIX foi um grande transformador sócio histórico do país, através da ciência, da política, da economia, da sociedade e da literatura ocorreram diversas mudanças que marcaram este século. Com resquícios da Revolução Francesa, de 1789, e também com a Revolução Industrial que percorreu o mundo e chegou ao Brasil, o país se encontrava numa grande crise onde a escravidão e seu fim foram temas de várias obras e a abolição da escravatura foi exigida por várias pessoas da sociedade que foram denominadas como abolicionistas.

O Brasil havia se tornado um país cuja sociedade era escravista, e não somente uma sociedade que possuía escravos, pois o comércio entre grandes e pequenos comercializadores de mão de obra humana não deixavam este comércio tão rentável decair, isso significa que não só os senhores de engenho eram proprietários de escravos, como também pessoas ricas, de famílias abastadas e fazendeiros de café possuíam escravos.

Com a chegada da Coroa Portuguesa, o país foi elevado à categoria de Reino Unido, o que contribuiu para a independência política do país e influenciou de forma direta na literatura, pois os autores passaram a usar as temáticas que remetiam ao momento em que o país estava vivendo. O amor à pátria, a busca por independência e pela liberdade eram temáticas muito utilizadas nas produções literárias, mas diante disso, como e por quem o negro foi retratado? Segundo Bosi:

O Brasil, egresso do puro Colonialismo, mantém as colunas do poder agrário: o latifúndio, o escravismo, a economia de exportação, [...] Carente de binômio urbano indústria-operário, durante quase todo o século XIX, a sociedade brasileira contou, para a formação da sua inteligência, com os filhos de famílias abastadas do campo que iam receber instrução jurídica (ou raramente médica) [...] ou com os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais, que definiam a grosso modo a alta classe média do país. [...] Raros casos de extração humilde na fase romântica, como Teixeira e Sousa e Manuel Antônio de Almeida. (BOSI, 1994, p. 92).

As produções eram feitas em grande maioria pela classe burguesa e para a classe burguesa e tinham como pano de fundo, em sua maioria, a cidade do Rio de Janeiro em meio ao luxo e a pompa da vida social. Nessa perspectiva, o negro aparecerá de forma vaga, ora como subalterno, ora como submisso porque a

literatura feita por negros, sobre o negro enquanto pessoa humana e para o negro, ainda era uma realidade muito distante.

Em 1822, o Brasil torna-se independente de Portugal e em 1824, foi promulgada a primeira constituição do país que embora apresentasse várias mudanças políticas, sociais e econômicas, mantinha intacto o direito a propriedade de escravos pelos senhores de engenho. Ou seja, o negro continuava à margem da sociedade embora quase três séculos tenham se passado após sua chegada ao Brasil, onde ele dividia parcela dos oprimidos da desigualdade social com as mulheres que também não tinham vez e nem voz por fazerem parte de uma sociedade essencialmente patriarcal.

Nesse momento de independência política, a literatura se inspirou a tornar-se também independente, pois na fase Pré-romântica (1808-1836), os autores já sentiam essa necessidade. Segundo Bosi (2006, p. 27): “A colônia só deixa de o ser quando passa a sujeito de sua história. Mas essa passagem fez-se no Brasil por um lento processo de aculturação do português e do negro à terra e às raças nativas; e fez-se com naturais crises e desequilíbrios”. O desenvolvimento da literatura brasileira se dá a partir do momento em que o Brasil passa pelo processo de afirmação da sua própria cultura e de suas origens, adquirindo assim, uma consciência histórica que lhe permite transitar através dos tempos pela arte literária.

No início do século XIX, surge o Romantismo (1836 -1881), momento em que a literatura brasileira obteve grande progresso, pois os escritores brasileiros estavam preocupados em definir a identidade nacional e foram usados vários elementos em busca da representação do Brasil enquanto nação. Enfatizar a nacionalidade significava usar elementos locais na busca de algo que representasse a brasilidade, como afirma Cuti (2010):

Além da temática (o bom selvagem, os amores arrebatados, a vida social urbana, a saga da escravização), o Romantismo investe na cor local, buscando na geografia brasileira os elementos que caracterizassem um traço identitário. Flora e fauna serão abundantemente exploradas para demarcar a brasilidade. A constituição populacional será, entretanto, o fator predominante. (CUTI, 2010, p. 16).

O país ainda se encontrava sob o discurso colonial criado no século XVI, onde não era possível perceber grandes mudanças no campo literário, por isso a

busca por uma identidade nacional tornou-se extremamente necessária para que houvesse progresso na literatura brasileira. Com a intenção de construir uma identidade literária, foram usados os discursos sobre liberdade e nacionalidade, esse momento marca o início das gerações românticas, que com seus ideais buscam fortalecer a literatura através de uma identidade própria, da qual no início o negro foi impedido de fazer parte.

Em 1836 surge a Niteroy, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes que possibilitou um avanço nas publicações das obras, com sua contribuição o número de obras publicadas aumenta e estas, passam a ser lidas com frequência, por utilizar temas relacionados à realidade em que o país estava vivendo.

No Romantismo procurava-se enaltecer a nacionalidade através de símbolos que melhor representassem o país que estava em meio aos ufanismos de amor à pátria e tudo o que a representasse com a intenção de fortalecer a literatura, legitimando-a com a abordagem de temas nacionais. Para Antônio Cândido, o Romantismo brasileiro:

Foi por isso tributário do Nacionalismo. Embora nem todas as suas manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito diretor que animava a atividade geral da literatura. [...] Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata afirmando em contraposição o concreto espontâneo, característico, particular. (CANDIDO, 2007, p. 333).

A primeira geração do Romantismo marca o período de (1836 a 1852) e tem seu início através da publicação da obra “*Suspiros Poéticos e Saudades*” (1836) de Gonçalves de Magalhães. Sua temática estava voltada para o Nacionalismo onde o índio se torna um herói nacional e marca a fase indianista. Os autores de destaque dessa fase são: o maranhense Gonçalves Dias (1823-1864), o já citado Gonçalves de Magalhães (1811-1882), José de Alencar (1829-1977) e Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882).

Com a publicação de “*A moreninha*” em 1844, Joaquim Manuel de Macedo fica conhecido como o “pai” do romance brasileiro, pois a obra foi bem recebida na época porque descrevia os bailes e as óperas do Rio de Janeiro e atingiu um grande valor social, ao criticar as mulheres da alta sociedade, através dos temas independência da mulher branca e do casamento.

A personagem Carolina embora estereotipada como a moreninha, foi escolhida como símbolo da mulher brasileira ao ser descrita como morena, de cabelos negros, criando assim um contraste em relação às mulheres europeias sempre brancas, loiras e de olhos azuis, até seu comportamento cria um contraste, pois Carolina era ousada, indomável, e ao mesmo tempo sapeca e despertava muitas paixões, dentre elas a de Augusto com quem acaba se casando.

Gonçalves Dias, autor maranhense consolidou a literatura com o Indianismo, por isso foi considerado o melhor poeta indianista brasileiro, suas obras de maior destaque são “I Juca-Pirama”, “Os Timbiras”, “Canto do piaga” e “Deprecação” e “*Canção do Exílio*” (1843). Em sua obra “Primeiros cantos” (1846), há um índio guerreiro que fala em primeira pessoa no trecho a seguir:

Aqui na floresta
 Dos ventos batida,
 Façanhas de bravos
 Não geram escravos
 Que estimem a vida
 Sem guerra e lidar.
 -Ouvi-me, Guerreiros
 -Ouvi meu cantar. (DIAS, 1948, p. 106).

O canto de índio guerreiro remonta a nacionalidade através dos símbolos nacionais como a floresta e o próprio índio que com suas características indígenas de bravo e guerreiro expressa toda a simbologia da nacionalidade da qual a primeira geração queria transmitir, o negro aparece como “escravo” como pano de fundo.

José de Alencar, também conhecido como o “pai da prosa indianista e urbana” usou de forma bastante criativa a temática do índio e é considerado o maior autor da prosa romântica no Brasil. Para Alfredo Bosi (1994, p. 152-153) “foi José de Alencar um dos autores que mais insistiu na dose de “brasilidade”, na tentativa de fortalecer o nacionalismo na literatura Brasileira”, com suas obras “Ubirajara” (1874), “*Iracema*” (1865), “*O guarani*” (1857) e “*Senhora*”. O grande objetivo do escritor foi fortalecer o nacionalismo na literatura, logo usou todos os elementos da brasilidade, o índio, as florestas, raras vezes o negro aparece em suas obras porque o autor se limitou a usar a temática da escravidão.

Em “*Mãe*” (1862), de José de Alencar, Joana é uma escrava que faz de tudo pela felicidade de seu senhor, que na verdade era seu filho, Jorge, que não sabendo a verdade sobre sua mãe, acaba por vendê-la para pagar uma dívida com

seu futuro sogro. No desfecho, Joana acaba cometendo suicídio e assim se livra da escravidão eliminando todos os conflitos sociais da trama. “Mãe” é uma das poucas obras onde o negro e a escravidão são tematizadas, mas é um dos exemplos de obra que retratam a participação do negro na literatura nesse período, porque o que predomina é o discurso senhorial seguido da submissão do negro na sociedade.

A forma como o negro foi retratado dentro da estética romântica, principalmente na primeira e na segunda fase, vem em resposta ao modelo de educação imperial baseado nos padrões europeus e nos novos moldes que a sociedade brasileira vinha adquirindo através dos seus processos políticos e sociais. Segundo Jean-Yves Merian:

A produção literária brasileira esteve profundamente ligada às ideologias dominantes, e em muitos casos transformou-se em verdadeiros mitos: superioridade da raça branca, branqueamento positivo, democracia racial entre outros. Muitos autores criaram suas obras e construíram seus personagens em função dessas ideologias discriminatórias, para um público que não se preocupava com as ideologias dessas representações. Nos meados do século XIX, precisamente no Romantismo, embora a população branca não fosse majoritária, pensadores e escritores formularam o conceito do povo brasileiro, em função disso surgiu o mito da superioridade da raça branca e da civilização europeia; assim os negros por representarem a barbárie da escravidão, tornaram-se indignos de aparecerem no cenário dos antepassados da nação brasileira. (MERIAN, 2008, p. 51).

A constituição populacional ainda sofria em meio à hierarquização das raças, por isso, a presença do negro na literatura voltou como pano de fundo nos textos, praticamente inexistente, o negro foi tomando forma através de uma figura reduzida ao trabalho braçal e distanciada da pessoa humana.

No Romantismo, o negro aparece apenas para contracenar com o índio na perspectiva de enaltecer ainda mais este que se tornara símbolo nacional. Enquanto o índio era sinônimo de força, bravura e liberdade em “*O Guarani*” (1857), o negro era simplesmente o escravo, humilde e resignado, como é descrito no Romance “*Til*” (1871), ambos de José de Alencar.

“*Til*” foi lançado no mesmo ano em que a Lei do Ventre Livre foi declarada no país, nela todo filho de escravo nasceria livre, esta importante passagem da história do país passou despercebida pelo autor, que apresentou o negro pelo viés da escravidão, como uma alegoria. Segundo Almeida (2001, p. 97),

sobre nenhuma hipótese “nem em termos líricos e idealizados, como ocorre com o índio em Alencar, o negro é associado à gênese do brasileiro”. O negro não foi considerado um símbolo nacional e não fazia parte da brasilidade que os autores retrataram, encontrando-se novamente numa posição inferior às demais raças, pois ele é considerado só um corpo escravo, uma “coisa” e nada mais.

A segunda fase do Romantismo (1853-1869), a ultrarromântica, foi considerada o “mal do século” pelo pessimismo e a valorização da morte, pois trazem a tristeza através de um subjetivismo extremo no qual os autores produzem suas obras sob a influência da poesia de Byron. Seus principais representantes são Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela (1841-1875). Em “*Mauro o escravo*” de Fagundes Varela, o negro é o personagem principal e apresenta um perfil heroico, mas ao construir este perfil, o autor não escapa da tendência do branqueamento do personagem.

Na metade do século XIX, grandes mudanças são determinantes para o futuro do país, principalmente para o futuro do negro escravizado. Em 1850, foi promulgada a Lei Euzébio de Queirós que determinou o fim do tráfico negreiro no Brasil. Vários países já tinham encerrado o comércio através do tráfico e o Brasil estava sofrendo várias pressões dos países estrangeiros, principalmente da Inglaterra, para que a escravidão chegasse ao fim.

Tal fato dá início à campanha abolicionista e a vários movimentos políticos que surgiram no país. Vários autores se inspiram com esses movimentos e terão um novo olhar sobre o negro e tratarão a temática da escravização em suas obras, usando discursos pela busca da liberdade e igualdade entre todos, mas como já nos adverte Duarte:

[...] os estereótipos do escravo vingativo e assassino, do feiticeiro deformado física e moralmente ou da mucama pervertida que destrói a família do senhor, estão presentes em *Vítimas Algozes*, de Joaquim Manoel de Macêdo; já a mulata assanhada, que seduz e leva o português à perdição, destaca-se nas páginas de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; e o negro da alma branca, reduzido ao cão ‘fiel do seu senhor, ajuda a compor a figura do preto Domingos, personagem de José do Patrocínio em *Mota coqueiro*. Apesar de condenarem explicitamente a escravidão e de se envolverem na campanha abolicionista, que, inclusive, tem em Patrocínio um de seus líderes, tais autores deixam aflorar em seus textos marcas discursivas oriundas do pensamento racial hegemônico [...] (DUARTE, 2007, p. 252).

Muitos autores tinham consciência da emergência de abolir a escravidão, mas isso se tornou algo desafiador para aqueles que defendiam a liberdade incondicional do ser humano, reconhecendo-o de fato como ser humano. Em contrapartida, havia aqueles que se posicionaram a favor da liberdade dos escravos embora continuassem com seus discursos sobre a inferioridade negando-lhes como ser humano.

Embora sob o efeito das ideologias e classes dominantes, de um lado, em meio aos que eram a favor da escravidão, “os escravagistas”, e por outro lado, os que defendiam a democracia e a liberdade, “os abolicionistas”, a literatura brasileira vai se firmando por um lado com autores brancos preconceituosos e ao mesmo tempo, autores que se engajam na luta contra a situação do negro escravo.

Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 66) “defender os princípios do Liberalismo segundo os quais todos os homens eram livres e iguais, e ao mesmo tempo manter a escravidão foi o grande dilema do país vivido durante todo o século XIX”. O negro fazia parte do sistema econômico do país e por isso, a sua liberdade tornava-se inviável diante das classes mais favorecidas.

Manter a escravidão no país era uma vergonha porque vários países já haviam abolido a escravidão, mas a sociedade brasileira concentrou sua economia nas produções de café, açúcar, algodão, portanto, os senhores donos de fazenda e a alta burguesia eram contra a liberdade do negro, a partir daí no país acontecem vários movimentos e lutas sociais em busca de um país melhor, os discursos se inflamam, a sociedade se agita e se divide.

Chega então a terceira fase do Romantismo (1870-1880), mais conhecida como “Geração Condoreira”, que teve como seu maior representante o autor baiano Castro Alves, “o poeta dos escravos”, que inaugura essa fase com sua obra “*Espumas Flutuantes*” (1870), cantos que ele definiu como uma “esteira de espumas” e que traz toda a genialidade do poeta em compor seus versos, mas não trata do assunto principal das suas obras que é a escravidão, mas no canto “*Ode aos dous de julho*” liberdade e escravidão são mencionadas em uma das estrofes:

Não, não eram dous povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir – em frente ao passado,
A liberdade - em frente à escravidão.
Era a luta das águias – e do abutre,
A revolta do pulso – contra os ferros
O pugilato da razão – com erros,

O duelo da treva – do clarão!... (ALVES, 2008, p. 80).

Nessa fase, a temática da escravidão é o principal assunto das obras, nas primeiras fases o negro foi negado como símbolo da brasilidade, agora surge como o “cativo” que precisa ser liberto. As lutas sociais por justiça e pela a abolição da escravidão passam a ser o tema dos romancistas, agora o novo símbolo escolhido pelos românticos, o condor, ave da Cordilheira dos Andes que voa muito alto é que vai simbolizar a liberdade.

A geração condoreira foi a que mais retratou a temática do negro e da escravidão, pois havia vários autores que defendiam a abolição da escravidão. Vale ressaltar, entretanto, que grande parte da literatura abolicionista preocupava-se mais com seus posicionamentos políticos e ideológicos, do que com o negro como ser humano e também como ser social, assim o negro continuava como objeto, mas desta vez, objeto dos posicionamentos políticos e ideológicos de alguns autores:

Na maior parte dos textos abolicionistas, o negro é tratado mais como símbolo vivo de uma ideia – a de que a escravidão é inaceitável – do que como a representação de uma figura humana: sua voz raramente é ouvida, seus traços psicológicos e até mesmo físicos, grosseiramente simplificados. Pinta-se, quando muito, o “escravo”, não o homem ou a mulher que viveram, na carne, a escravidão. Seu comportamento é estereotipado, suas características individualizadoras eliminadas, obscurecidas, neutralizadas. (GOMES, 1998, p. 02).

A imagem do negro na literatura brasileira, antes da proibição do tráfico negreiro era vaga, feita sobre aspectos de marginalização e discriminação. Após a abolição do tráfico em 1850, muitos escritores brasileiros voltaram sua atenção aos negros e, em particular, a forma como eram tratados, mas poucos conseguiram falar do negro de forma positiva e sem se desviar dos estereótipos.

Os autores que abordaram temas relacionados às questões sociais foram denominados como condoreiros, onde os principais são Castro Alves, Rui Barbosa, Sousândrade, Pedro Luís de Sousa, Tobias Barreto dentre outros. Mas o que melhor representa essa fase é Castro Alves, que através da sua linguagem poética e inovadora a serviço da liberdade denunciou em suas poesias as injustiças da escravidão.

O primeiro poema de Castro Alves contra a escravidão foi “*A canção do africano*” (1863), além de “*Vozes d’África*” e o “*Navio Negreiro*” publicados no livro

“Os escravos” (1883) em uma publicação póstuma. Em “O navio negreiro” a realidade vivida pelos escravos durante a travessia da África para a América é descrita em tom dramático pelo poeta, no quarto canto do poema:

[...] Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar
Tinir de ferros... estalar do açoite
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar
Negras mulheres suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ânsia e mágoas vãs [...] (ALVES, 1986, p. 280).

Embora seja um grande defensor da causa abolicionista, que vê no negro um humano que sente e sofre, pode-se perceber em paralelo à voz cultural do autor, uma voz senhorial de tom depreciativo porque recai sobre o negro os estereótipos numa cena de total horror. Castro Alves que tanto lutou contra a escravidão não pode vê-la chegar ao fim, pois morre no ano de 1871.

A Lei Áurea, em 1888, que decretou o fim da escravidão foi uma vitória para os movimentos abolicionistas, e para todos da sociedade que também desejaram seu fim que foi muito comemorado. Machado de Assis, grande autor do realismo no século XIX também comemorou essa passagem histórica:

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais escolhidos dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem o favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto. (ASSIS, 1893, p. 146).

O Brasil percorria agora um novo rumo social, político e econômico, mas mesmo com os direitos conquistados, a condição social dos negros libertos não mudou de forma significativa, começava agora uma nova busca por liberdade porque o negro vai procurar seu espaço na nova sociedade brasileira, pois embora livre do cativeiro, continuava preso no preconceito por causa da sua cor.

Machado de Assis, um dos principais autores do Realismo, na década de 1880 a 1890 publica “*Memórias póstumas de Brás Cubas*” (1881), “*Dom Casmurro*” (1889) e “*Quincas Borba*” (1891) e torna-se um dos autores mais importantes e influentes do século XIX. Os temas abordados em suas obras são diversos, dentre eles a escravidão. Em “*Iaiá Garcia*” (1878) Machado aborda o personagem Raimundo como negro “livre”:

[...] Raimundo nove anos mais velho que o seu senhor, carregara-o ao colo e amava-o como se fora seu filho. Vendo-se livre, pareceu-lhe que era um modo de o expelir de casa, e sentiu um impulso atrevido e generoso. Fez um gesto para rasgar a carta de alforria, mas arrependeu-se em tempo. Luís Garcia viu só a generosidade, não o atrevimento [...] (ASSIS, 1997, p.03).

Raimundo contribui para nos esclarecer a situação do negro após a abolição da escravatura. Sem ter para onde ir, sem trabalho e numa idade já avançada, Raimundo decide continuar servindo, mesmo liberto continua ainda submisso e fiel ao seu antigo proprietário que detém o poder de alforriar os escravos.

A Literatura Brasileira oitocentista, enquanto expressão da sociedade muito contribuiu para o desenvolvimento social do país, aconteceram vários atos políticos que trouxeram uma nova realidade a ser vivida. O negro e a mulher oprimidos pelo patriarcalismo travam uma nova luta, a luta por direitos e espaço na sociedade, as mulheres que eram educadas somente para trabalhos domésticos e para o casamento, agora tinha sua realidade mudada através da leitura.

O negro que iniciou o século numa situação de inferioridade emerge na sociedade destacando-se na literatura, desenvolvendo textos que “deixaram transparecer um posicionamento diferenciado pela constituição de um sujeito étnico negro” (CUTI, 2010, p. 63). Agora o negro é que emana o discurso carregado de subjetividade seja individual, seja coletiva.

Luiz Gama (1830-1882), um dos precursores do discurso negro, em seu poema “*Lá vai verso*” o autor de “*Trovas burlescas*” (1859) posiciona-se como negro, falando das suas características físicas, e chama a atenção da sociedade ao assumir sua identidade negra:

Quero que o mundo me encarando veja

Um retumbante Orfeu da carapinha,
Que a Lira desprezando por ser mesquinha,
Ao som decanta da Marimba augusta. (GAMA, 2000, p. 11).

Com o passar dos anos o negro passou a ter representatividade na literatura tanto como escritor ou personagem, desconstruindo mesmo que de forma lenta, a imagem estereotipada e negativa do negro transformando-o como um ser cultural e literário com novas perspectivas, que tem voz e dá sua voz como forma de protesto social.

5 MARIA FIRMINA DOS REIS

Filha de João Pedro Esteves e dona Leonor Felippa dos Reis, Maria Firmina nasceu em São Luiz do Maranhão, no bairro de São Pantaleão, no dia 11 de março de 1822, data esta retificada segundo a justificação de Nascimento, encontrada no Arquivo Público do Estado do Maranhão, pois a data anteriormente publicada era 11 de outubro de 1825. Em São Luís residiu até os cinco anos, mudando-se para Guimarães, também no Maranhão, onde viveu com sua mãe, avó e suas primas. Faleceu em Guimarães em 11 de novembro de 1917, pobre e cega aos 92 anos.

O momento em que Maria Firmina dos Reis se insere na Literatura Maranhense coincide com a segunda fase do Romantismo Brasileiro no século XIX, é nesse período que de fato, pode se encontrar no Maranhão uma literatura autônoma que aconteceu após a Independência do Brasil em 1822. A Literatura maranhense foi dividida em três círculos literários no qual o primeiro se inicia em 1832 a até 1868, o segundo de 1868 até 1894 e o terceiro de 1894 a 1932, seu primeiro ciclo o “Grupo Maranhense” considerado o mais importante, foi quem deu a São Luís o título de “Atenas Brasileira”.

Maria Firmina perpassou pelas três fases da literatura do Maranhão, durante sua trajetória foi professora, aprovada em primeiro lugar em concurso público estadual no ano de 1847, tornando-se a Primeira Mestra Régia de Guimarães, após aposenta-se em 1881, fundou a primeira escola mista gratuita do Maranhão, um de seus pioneirismos, pois para época, era algo inovador visto que meninas e meninos não ficavam misturados numa mesma classe escolar:

[...] revelou-se pioneira tanto em nossas letras como na história da educação brasileira, fundando em 1880, na cidade de São Luís do Maranhão, uma escola mista e gratuita para crianças pobres. Professora desde 1847, mesmo depois de se aposentar, em 1881, continuou com poucos recursos, seu trabalho de instrução e assistência aos menores desassistidos, tomando muito deles como afilhados. (SCHUMACHER; VITAL BRASIL, 2007, p. 211).

Quando Firmina foi aprovada no concurso, sua família para homenageá-la providenciou um palanquim, para que ela fosse transportada pelas ruas até o lugar

da cerimônia de entrega do ato da sua nomeação, recusando-se a subir no palanquim disse “vou a pé porque negro não é animal pra andar montado em cima dele”. (MORAIS FILHO, 1975, s/d). Maria Firmina se incomodava com os problemas sociais da sua época e voltava seu olhar para todos em situação degradante, em especial o negro, foi muito corajosa ao denunciar as crueldades da escravidão no Maranhão que era um mal que dominou o sistema econômico do país por anos.

Foi em pleno regime de escravidão, que Maria Firmina dos Reis torna-se a primeira afrodescendente a escrever um romance abolicionista, tal feito com tanta originalidade faz de Firmina uma mulher autêntica e ousada, pois em plena sociedade patriarcal, escrever não era uma tarefa considerada para mulheres e falando sobre os horrores sofridos pelo negro na escravidão torna-se algo inovador perante a sociedade e a literatura da época.

Em 1859, publicou *Úrsula*, o mesmo ano em que Luiz Gama publica “Trovas Burlescas”, usando na sua primeira edição o pseudônimo “uma maranhense”, fato que chamou a atenção do pesquisador Horácio de Almeida porque não tinha o nome da autora, que anos mais tarde foi descoberto. *Úrsula* é um romance abolicionista, o que faz a autora estar anos à frente de Castro Alves que escreveu “*Navio Negreiro*” somente em (1883):

Úrsula não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, nem todos os historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro em nosso país. (DUARTE, 2004, p. 279).

Em *Úrsula*, Maria Firmina traz o negro numa perspectiva diferente das abordadas nas demais obras do seu tempo, pois embora os personagens principais sejam brancos, é através dos personagens negros que a história ganha vida ao falar do ideal da época, a liberdade, e também por falar da origem dos seus personagens africanos ressaltando as qualidades da raça negra.

A sociedade Maranhense do século XIX estava num momento de grande desenvolvimento político e econômico e como em todo o país era também baseada no patriarcalismo, onde as mulheres tinham que obedecer aos seus pais e depois do casamento ao marido, sendo educada somente para cuidar de sua família. Neste

período, fazia parte da economia do Maranhão o açúcar e o algodão produzido nas grandes fazendas dos grandes senhores de famílias ricas e abastadas e a população de escravos era muito grande no estado.

Embora a sociedade se encontrasse sobre esse contexto, o romance *Úrsula* foi bem recebido na época de sua publicação, foi motivo de grande comemoração na maioria dos jornais que veicularam muitas notas sobre a autora, dentre elas “A pena da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, já entre nós conhecida”. (JARDIM DOS MARANHENSES, 1861, n. 24). Embora tenha sido tão elogiada e seu talento reconhecido, a autora que foi tão noticiada com o passar do tempo caiu no esquecimento.

Sua obra foi lançada na segunda fase do romantismo e durante todo o século XIX a literatura de autoria masculina branca é a que predomina no cenário literário, na sociedade extremamente machista, que era baseada no modelo patriarcal, as mulheres não foram inseridas no campo literário, a não ser quando personagens. Em tempos que Gonçalves Dias e também Aluísio de Azevedo entram para o cânone nacional, a obra de Firmina simplesmente fora esquecida:

O resultado é que uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século. Sílvio Romero e José Veríssimo a ignoram. E muitos dentre os expoentes da nossa historiografia literária canônica fazem o mesmo, à exceção de Sacramento Blake e Raimundo de Menezes. (DUARTE, 2004, p. 267).

Em face à diferença dos críticos da sua época, não foi esse o principal motivo de sua obra não ter grande repercussão no ano em que foi publicada. O fato é que denunciar a violência e maus tratos praticados pelos “senhores” contra os escravos, era uma prática não muito usada pela maioria dos escritores masculinos, uns por medo, outros por questões políticas entre a classe dominante.

De acordo com pesquisadora Zahidé Muzart (2000, p. 266), o romance *Úrsula* (1859) não teve muita repercussão “por ter sido editado na periferia, longe da Corte e por ser uma mulher negra”. A discriminação com a autora tanto pela sua condição social, pela sua raça e gênero foram também fatores determinantes para que a mesma ficasse quase um século sem a notoriedade que merecia e fora da historiografia canônica, pois foi descoberta por Horácio de Almeida na metade do século XX no ano de 1962.

Mesmo assim, Firmina não se deixou abater, com pouco estudo, mas de um talento incrível para a escrita, ingressa no mundo da literatura predominantemente ocupado pelo homem e publica várias obras dentre elas o “*Hino à libertação dos escravos*”, “*Gupeva*” (1861) seu segundo romance, o conto “*A escrava*” (1887) e um livro de poemas de “*Cantos à beira-mar*” (1871). Também colaborou com a imprensa local criando ficções, poesias, crônicas, enigmas e charadas além de colaborar com jornais literários, entre eles, A Verdadeira Marmota, Semanário Maranhense, O domingo, O País, Pacotilha, Federalista.

Firmina lançou sua obra em tom de crítica à elite do seu tempo, tematizando o negro, a escravidão e a posição da mulher na sociedade. “Visava a democracia e a igualdade entre as raças, portanto, desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes”. (DUARTE, 2004, p. 443). Apesar do preconceito por ser mulher e de não ter uma educação igual aos homens de famílias abastadas que, em sua maioria estudaram fora do país, Firmina se insere num campo cultural dominado por homens da elite, mas não perde suas convicções sociais.

Maria Firmina enxerga o negro como ser humano, respeita as suas origens africanas as quais fortalecem a identidade da raça negra, fato que em outras obras é um fator para colocá-lo numa situação de inferioridade, segundo Assis Duarte:

A escritora irmanada aos cativos e aos seus descendentes, expressa pela via da ficção, seu pertencimento a este universo de cultura [...] Sobressai então a condição diaspórica vivida pelas personagens arrancadas de suas terras e famílias para cumprir no exílio a prisão representada pelo trabalho. (DUARTE, 2004, p. 273).

Maria Firmina é prima do escritor e gramático Sotero dos Reis, por parte de mãe, “a quem deve sua cultura, como afirma em diversos poemas” (DUARTE, 2004, p. 266). Entretanto, em 1868, Sotero dos Reis publica seu “*Curso de literatura portuguesa e brasileira*” no qual, limitando-se aos escritores portugueses como Camões e Sá Miranda e, os brasileiros, Santa Rita Durão e Gonçalves Dias.

Seu contato com a literatura se deu muito cedo, autodidata Firmina era fluente na língua francesa, na qual aprendeu sozinha, em um contexto social em que poucas mulheres eram alfabetizadas, Firmina se destacou na literatura pela excelente qualidade literária de suas obras, por isso, seu nome foi incluído por

Zahidé Muzart em 2000 na antologia “*Escritoras brasileiras do século XIX*”. Como afirma Dinancy e Adler e Vaz no livro “Sobre Maria Firmina dos Reis”:

Maria Firmina é aquela que não se deixou intimidar, que recusou-se à condição feminina de mera subserviência, que não desistiu de suas aspirações mas, superando suas limitações usou a escritura como arma de combate. (CORREA *apud* ADLER e VAZ, 2015, p. 80).

Maria Firmina encorajou-se a escrever dentro das possibilidades do Brasil oitocentista, uma visão sobre o negro escravo como um ser histórico, driblando as agruras do seu tempo. Em 11 de outubro de 1975, José Nascimento Moraes Filho, publica a obra “Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma vida”, uma homenagem do autor ao Sesquicentenário da autora, onde o autor reuniu uma coletânea composta das criações da autora como letras de músicas, hinos, contos, vários poemas, artigos de jornais e fragmentos de um diário.

Em seguida, houve várias homenagens à autora, uma rua e um colégio em Guimarães levam seu nome e um busto de bronze foi erguido na Praça do Phanteon, no centro de São Luís. No prólogo de Úrsula Maria Firmina faz um pedido “Deixais pois que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias d’arte caminhe entre vós. Não a desprezeis” (REIS, 2017, p. 02). Esta é a melhor homenagem a ser feita para a autora que tanto contribuiu ricamente com uma obra que é a reivindicação dos direitos de negros e mulheres, os menos favorecidos em nosso país.

5.1 A narrativa de Maria Firmina dos Reis em Úrsula

A construção da narrativa de Maria Firmina dos Reis no romance Úrsula, primeiramente nos dá uma ideia de relação de gênero, pela ligação de Tancredo com a jovem Úrsula, mas na urdidura dos acontecimentos desenvolvem-se questionamentos sobre a escravidão, a condição do negro na sociedade, dos grandes senhores de terra, e da opressão social vivida por mulheres e negros. Maria Firmina inova a narrativa literária brasileira ao tecer um discurso que expressa

pressupostos ideológicos que até então outros autores não tinham assumido antes, pois para a época, eram temas que gerariam polêmica.

A Obra *Úrsula* possui XX capítulos com prólogo e epílogo com núcleos dramáticos que são ligados a partir de fragmentos que apoiam a narrativa dos personagens que contam suas próprias histórias fazendo suas reivindicações na trama e são conduzidos pelo narrador onisciente em terceira pessoa que penetra no íntimo de cada personagem revelando seus sentimentos e pensamentos.

Úrsula apresenta em sua narrativa as seguintes dicotomias, rico e pobre; livre e escravo; negro e branco; homem e mulher; bem e mal. Para que seja possível desenrolar todos esses elementos no enredo unidos aos protestos que Maria Firmina faz através de seus personagens dando-lhe voz e retomando a voz de narradora, ela utiliza a técnica de encaixes que reproduz a verossimilhança entre o mundo real e a ficção, sobre a narrativa de encaixes Todorov afirma:

O encaixe é uma explicitação da propriedade mais profunda de toda narrativa. Pois a narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa. Contando a história de uma outra narrativa, a primeira atinge seu tema essencialmente e ao mesmo tempo, se reflete nessa imagem de si mesma; a narrativa encaixada é ao mesmo tempo a imagem dessa grande narrativa abstrata da qual todas as outras são apenas partes íntimas, e também da narrativa encaixante que a precede diretamente. Ser a narrativa de uma outra narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através de encaixes. (TODOROV, 2004, p. 126).

O enredo de *Úrsula* possui cinco narrativas que se encaixam à medida que os personagens se encontram e começam os dialogismos. A primeira narrativa é quando Túlio salva Tancredo e o leva para casa de *Úrsula*. A segunda é quando Tancredo fala da decepção amorosa que teve com Adelaide, a traição do seu pai e a morte da sua mãe. A terceira, a Luiza B. fala da sua vida de pobreza, da repressão da sua família e do seu irmão. Na quarta, Suzana fala sobre liberdade e relembra sua vida em África. A quinta e última, Antero fala do seu sofrimento por causa do vício em álcool e também relembra sua vida na terra natal.

Maria Firmina usou a narrativa de encaixe de uma forma brilhante, pois ao entrelaçar o encontro de cada um dos seus personagens, aos poucos ela consegue levar o leitor uma reflexão moral sobre o paradigma social da sua época e isso se dá através do envolvimento de seus personagens. A autora reivindica a igualdade

entre os homens com a amizade entre Túlio e Tancredo, ela denuncia o mandonismo patriarcal através de Luisa B. quando a personagem fala que sua família não aceitou seu casamento, posteriormente, quando Fernando se acha proprietário de Úrsula ao querer forçá-la ao casamento e sobre a escravidão quando ela dá voz aos personagens negros.

Úrsula imerge-se nos acontecimentos do período colonial, através de uma narrativa que questiona as relações de poder, a escravidão, os senhores patriarcais e revela-se como uma crítica sobre a realidade histórica vivida no período oitocentista. A autora trata sobre temática da escravidão a partir do olhar do próprio escravo, como pode ser observado através das palavras de Eduardo Assis Duarte:

Texto fundador, Úrsula polemiza com a tese segundo a qual nos falta um “romance negro”, pois apesar de centrado nas vicissitudes de heroína branca, pela primeira vez em nossa literatura, tem-se uma narrativa de escravidão conduzida por ponto de vista interno e por uma perspectiva afrodescendente. Assim, o romance da escritora maranhense vem fazer companhia às Trovas burlescas de Luiz Gama, também de 1859, no momento inaugural em que os remanescentes de escravos querem tomar com as mãos o sonho de, através da literatura, construir um país sem opressão (DUARTE, 2004, p. 280).

A narrativa apresenta uma díade, que são os dois triângulos amorosos presentes na história. O primeiro, formado por Adelaide, Tancredo e seu pai, que logo é desfeito, pois Adelaide se casa com o pai de Tancredo e este desiludido sai à cavalo e depois de um acidente cai desmaiado no chão, nesse momento é encontrado por Túlio que é escravo de Úrsula e sua mãe Luísa B. O segundo, é formado por Tancredo, Úrsula e seu tio Fernando, que se apaixona pela sobrinha e acaba sendo responsável por todo o sofrimento de Úrsula porque ele é o assassino de seu pai e abandona na pobreza a irmã que é parálitica.

Há também uma tríade, formada pelos três personagens negros Túlio, Suzana e Antero que irão se juntar a Tancredo para livrar Úrsula do seu tio algoz e é a partir daí que a trama se desenrola. Úrsula e Tancredo se apaixonam e logo planejam seu casamento, o tio de Úrsula se apaixona por ela, mas ao ser rejeitado quer casar com a sobrinha à força, por isso Tancredo leva Úrsula para ficar segura em um convento e lá mesmo se casam, após o casamento Fernando mata Tancredo na porta da igreja, depois de ter matado Túlio que ia ao encontro de Tancredo para

avisá-lo do perigo que estava por vir, tal fato causa choque em Úrsula que acaba a história como uma louca.

Úrsula e Tancredo são os personagens principais da obra, Túlio, Suzana e Antero, são personagens que se destacam a partir de seus discursos e num dado momento da narrativa é possível confundi-los como os protagonistas da história. Úrsula, embora protagonista em certo momento da narrativa foi ofuscada pelos personagens Túlio, Suzana e Antero mas em seguida, sua história passa a ter notoriedade para que a mesma denuncie a opressão vivida por mulheres na sociedade oitocentista. Dessa forma, Maria Firmina ao narrar a história se mostra uma mulher engajada com os problemas sociais:

É, portanto, como mulher e como afro-brasileira que a autora põe-se a narrar o drama da jovem Úrsula e de sua desafortunada mãe, ao qual se apresentam os infortúnios de Tancredo, traído pelo próprio pai, e a tragédia dos escravos Túlio, Suzana e Antero, que receberam no texto um tratamento marcado pelo ponto de vista interno, pautado por uma profunda fidelidade à história oculta da diáspora africana em nosso país. (DUARTE, 2004, p. 268-269).

Seus personagens e suas histórias aparecem na narrativa de forma lenta até adquirirem um status de protagonistas dentro da narrativa, através de discursos que representam o negro como um ser histórico, que afirma sua identidade através das memórias vividas onde em sua maioria se passam na África.

A principal temática usada por Maria Firmina é a escravidão, a privação da liberdade do negro pelo branco e todo o sofrimento vivido pelo escravo. Na maioria das obras o tema escravidão é citado de forma corriqueira por fazer parte do sistema econômico da época e o negro aparece como pano de fundo.

Logo no primeiro capítulo, “Duas almas gêmeas” Maria Firmina já insere Túlio e Tancredo na cena, os dois começam a conversar e num dado momento Túlio fala da sua situação enquanto escravo e Tancredo repudia a escravidão, algo muito incomum porque o sofrimento do negro não tem importância nenhuma na maioria das obras e um branco é sempre a favor da escravidão.

Maria Firmina usa essa estratégia literária para causar impacto na sociedade escravocrata, ela mostra o escravo Túlio como um ser humano que sofre e sente o mal da escravidão:

[...] A minha condição é de mísero escravo! Meu senhor – continuou – não me chameis de amigo. [...] Ah! O escravo é tão infeliz!...tão mesquinha e tão rasteira é a sua sorte que... [...] Dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldição em teu nome o primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim – prosseguiu – tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! Sim, acerbo deve ser o teu sofrer, e eles que não o compreendem!! (REIS, 2017. p. 11).

Maria Firmina usa essa estratégia literária para causar impacto na sociedade escravocrata, ela mostra o escravo Túlio como um ser humano que sofre e sente o mal da escravidão, ressalta-se também que na narrativa um homem branco se compadece com a situação do escravo e que a partir daí nasce uma amizade verdadeira entre os dois.

O dialogismo entre os personagens vão pouco a pouco mostrando a realidade por eles vivida, demonstrando através da narrativa, as identidades culturais dos personagens, no caso dos personagens negros, a imagem cultural construída através das lembranças que os mesmos têm da sua terra natal, da sua família e do choque com a realidade de estar numa situação de servidão.

Maria Firmina confronta a sociedade sobre o que realmente é a liberdade, o quanto essa é necessária para vida de qualquer ser humano, ao dar voz a Suzana, critica a falsa liberdade através da alforria, e Suzana explica a Túlio o verdadeiro sentido de liberdade:

- Tu? Tu livres? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos – Meu filho, tu és já livre? [...] - Mãe Suzana, graças a alma generosa desse mancebo sou hoje livre como um pássaro, como as águas, como éreis na nossa pátria. [...] – Liberdade! Liberdade ah!... eu gozei em minha mocidade! – continuou Suzana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. (REIS, 2017, p. 71).

Ao falar do verdadeiro sentido de liberdade Suzana demonstra que era feliz em seu país e chama atenção sua condição de mulher e mulher escrava que é vítima da opressão. Maria Firmina também tem um ponto de vista sobre a situação da mulher na sociedade, pois vivem presas ao sistema patriarcal.

Maria Firmina mostra a condição da mulher que vive numa sociedade machista, numa posição de inferioridade, onde a figura masculina impõe respeito e submissão. Através dos relatos de Luísa B. que tanto sofre por causa do seu irmão:

[...] Amou-me, amou-me muito, mas quando tive a infelicidade de incorrer no seu agrado, todo esse amor tornou-se em ódio, implacável, terrível e vingativo. Meu irmão jamais irá me perdoar. [...] – Meu irmão – tornou ela sorrindo-se novamente – esse comprou as dívidas do meu casal, estabeleceu-se na fazenda de Santa Cruz, outrora habitação de meus pais, onde eu passei os anos da minha juventude, onde nascera minha pobre Úrsula. (REIS, 2017, p. 61-63).

A situação de opressão vivida pela mulher que tem de obedecer a figura masculina dentro da sociedade é denunciada por Maria Firmina. A mulher no século XIX é considerada um ser subalterno, independente da posição do homem na família é ele quem toma as decisões, por ter contrariado vontade do seu irmão, este achou que poderia fazer tanta maldade a sua irmã.

O comendador Fernando P. irmão de Luísa B. é um homem implacável, terrível, que usa seu dinheiro e sua posição social para cometer os mais terríveis crimes e o mesmo acaba impune, por ter influência na sociedade.

É através deste personagem vil e algoz, que Maria Firmina denuncia o mandonismo patriarcal, os senhores ricos, donos de escravos que por sua posição na sociedade acham que pode mandar em tudo e em todos. Fernando P. além de cometer maldades contra sua irmã é também mais implacável e horrendo ao maltratar os escravos de sua fazenda:

Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos porque passaram, doeram-me até o fundo do coração. O comendador P. derramara sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros, por uma leve negligência, por uma obrigação o mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! (REIS, 2017, p. 72-73).

Na narrativa de Firmina, negro é parâmetro de elevação moral, uma verdadeira inversão dos valores das obras do século XIX, visto que o branco sempre apareceu como o possuidor da moral, a ele sempre foram atribuídas as melhores qualidades. Os maus tratos sofridos pelo negro são recorrentes em muitas obras, mas raramente foi visto seu senhor sendo criticado por esse motivo.

Do início ao fim da narrativa, Firmina foi comprometida com os ideais que queria alcançar através da sua obra. Ao abordar os problemas sociais, propõe uma mudança tanto para a sociedade como para a literatura, sobre a autora Assis Duarte afirma:

A voz que narra mostra-se, desde o início, comprometida com a dignificação do personagem, ao mesmo tempo em que expressa com todas as letras qual o território cultural [...] que reivindica para si: o da afro-descendência. Este pertencimento se traduz ainda mais na simpatia da autora devota a Túlío e aos demais personagens submetidos ao cativeiro. (DUARTE, 2004, p. 273).

Maria Firmina dá todo um sentido a existência de seus personagens através de suas lembranças vividas, a fala de Antero “na minha terra há uma semana que se dedica a festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca e bebe” (REIS, 2017, p. 134) materializa a sua frase mais conhecida “A mente, essa ninguém pode escravizar”, pois o corpo foi escravizado, mas sua mente é livre para viajar no tempo e trazer ao negro as memórias da sua terra natal, a África.

Portanto, a narrativa de Maria Firmina dos Reis no romance Úrsula, representada através da fala dos seus personagens evoca mudanças no paradigma social e moral no momento em que denuncia os proprietários de terra como criminosos, exploradores de mulheres e negros que são os oprimidos da sociedade da época revelando que este modelo de sociedade não é aceitável.

6 O ROMANCE ÚRSULA NA (DES)CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DO NEGRO.

A forma como Maria Firmina dos Reis construiu seus personagens negros é resultado da sua consciência ideológica engajada e comprometida em caracterizá-los de forma a representar o negro africano que contribuiu ricamente com a cultura brasileira, fazendo-o assim ser parte integrante da nossa sociedade e do país. A abordagem da temática “escravidão” usada pela autora em forma de denúncia é um ato político que agrega valores morais e estéticos que possibilitam que Úrsula seja a obra escolhida para o que se propõe este trabalho.

Como já bem observado, a literatura era feita por autores da raça dominante e das classes mais altas do país, daí foi possível entender porque o negro foi estereotipado através de características tão negativas, logo, é possível perceber a necessidade de um novo discurso, de um novo olhar e de uma nova perspectiva. É Maria Firmina que traz uma nova proposta para a situação do negro na literatura e na sociedade, é ela que o observa internamente e externamente, é ela quem assume falar do negro trazendo-lhe a reconstrução da sua identidade, ela se assume mulher e mulher negra o que torna o seu discurso diferente dos demais.

Através das falas e memórias de Túlio, Suzana e Antero todos escravos na narrativa, Maria Firmina usa a temática da escravidão para criticar a sociedade escravocrata, com seus personagens que expressam sua visão intimista e cheia de subjetividade sobre a sociedade da época que via o negro escravo e a mulher como subalternos. Sobre a voz que expressa as identidades sociais subalternizadas, Juliano Carrupt afirma (2009):

Maria Firmina dos Reis, em pleno século XIX, momento em que o romance estava se definindo como escola literária, [...] há elaboração de [...] *personagens cuja a identidade se define como propriamente africana*, que são exemplos de humanidade, fato que destoa de toda a construção pejorativa acerca do negro escravo, *sendo que o africano fica além de escravo, por se constituir imaginariamente dentro de sua própria concepção de cultura*, ou seja: **o negro possui sua própria voz, sua própria identidade, tornando-se livre por sua própria imaginação**, que elabora a Imagem da África, sem cair no colonialismo porque seu discurso transporta-o às suas origens ancestrais. (NASCIMENTO, 2009, p. 103, grifos meus).

No século XIX, intensificou-se o mito da superioridade da raça branca e é sob esse contexto que no primeiro capítulo, que tem como título “Duas almas generosas”, Maria Firmina já de início anuncia que sua obra será surpreendente quando a autora descreve de forma poética a entrada de Túlio no enredo “um ponto negro no horizonte” (REIS, 2017, p.07). A forma como a autora descreveu o personagem é ainda mais reveladora, sobre como ela enxerga o negro:

O homem que assim falava era um pobre rapaz que ao muito parecia contar vinte e cinco anos e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero se ligava à odiosa ca-deia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o clima e a servidão não puderam resfriar. (REIS, 2017, p. 07).

Ao entrar em cena, se percebe que “o ponto negro” se transforma em homem, mas não um homem ameaçador porque Túlio é a “segunda alma generosa”, é importante ressaltar, entretanto que muitos autores não concebiam o negro como possuidor de alma. Maria Firmina refere-se a Túlio como um “homem”, “rapaz” ele não é a “coisa”, ao mencionar “o sangue africano”, ela afirma que ele é pertencente à raça negra, e este, é uma herança de seus pais, portanto, a autora não utiliza o “artifício” do branqueamento do personagem, na verdade todos os personagens negros são intrinsecamente ligados à sua origem africana.

A autora fala da fisionomia de Túlio de forma positiva, ela é “franca” e permite adivinhar a nobreza do seu coração, essa descrição mostra o negro como uma pessoa bonita por dentro e por fora. O feio não foi ligado ao personagem que também não foi apresentado como nobre, com características do “negro nobre”, pois a nobreza está no seu coração.

A nobreza de Túlio mostra toda sua generosidade e bondade no seu total interesse em ajudar o personagem Tancredo que estava bastante ferido e parecia morto, Túlio analisa o mancebo e ao perceber que podia salvar sua vida fica muito feliz e satisfeito:

E ao coração tocou-lhe piedoso interesse, vendo esse homem lançado por terra, tinto em seu próprio sangue. [...] Que ventura! - Então disse ele, erguendo as mãos ao céu – que ventura podê-lo salvar! [...] Finalmente o seu coração pulou de íntima satisfação, porque o mancebo, pouco a pouco

revocando a vida, abriu os olhos languídos pela dor, e os fitou nele. (REIS, 2017, p. 07-08).

A imagem negativa criada sobre o negro fazia-o parecer perigoso, mau, e vingativo, o negro era o vilão nas histórias ora simplesmente por ser negro, ora por que a escravidão o tinha tornado fera como em “*Vítima Algozes*” (1869) de Joaquim Manuel Macêdo. Ao ver Tancredo caído no chão, Túlio se compadece e ajuda o mancebo e ao ver que ele ainda estava vivo, lhe veio um sorriso no rosto, esse sorriso diz muito sobre a bondade que habita no coração do negro.

Maria Firmina atribui sentimentos e qualidades que até então não eram comuns ao negro nas histórias, visto que a sociedade o enxergava como um objeto, uma mercadoria, jamais como um ser humano possuidor de sentimentos. A escravidão de forma alguma mudou a essência de Túlio, fica claro que ele sofria por ser escravo, mas nem por isso se tornou um homem que odiava seu senhor, ele é generoso e em seu coração só tinha bons sentimentos:

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2017, p. 08)

Além de tantos sentimentos verdadeiros no coração de Túlio, ele é puro assim como a sua alma, a pureza de Túlio e seu jeito desinteressado de ajudar ao próximo muito se distancia do ser “perturbador” descrito em “O demônio Familiar” de José de Alencar. Sua beleza física e moral lhe caracterizam sem distanciá-lo da sua raça, pois para a época, o belo era ligado ao branco e teria que ser como em “O mulato” de Aluísio de Azevedo que apresentou o “belíssimo negro de olhos azuis”.

Maria Firmina várias vezes fez abordagens sobre a alma de Túlio, através da alma, dos sentimentos que Deus lhe implantou em seu coração, percebe-se a dignificação do negro como ser humano e como ser espiritual no qual Deus age em sua vida, muito parecido o fez o padre Antônio Viera que pregou que após a morte o negro teria o descanso merecido.

Ficando ainda mais evidente que o negro é um ser humano como qualquer outro, Firmina através da alma e dos bons sentimentos coloca Tancredo e

Túlio no mesmo lugar de igualdade, ambos possuem os mesmos sentimentos nobres e generosos que são comuns habitarem em qualquer ser humano, isso explica o título do primeiro capítulo:

Apesar da febre, que o despontava, o cavaleiro começava a coordenar suas ideias, e as expressões do escravo, e os serviços que lhe prestara, tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso, num transporte de íntima e generosa gratidão, o mancebo arrancando a luva que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara. (REIS, 2017, p. 09).

Nota-se que a autora quis demonstrar que Túlio por ser generoso, ganhou também a gratidão do mancebo, pois era digno disto, mas seria de causar estranheza esta passagem em outro livro, porque no branco jamais seria despertada gratidão pelo negro, visto que o negro seria um serviçal, tudo o que fizesse para o branco seria visto por ele uma mera obrigação.

O gesto de Tancredo ao estender a mão à Túlio fez com que este beijasse a sua mão, nesse momento nascia uma bela amizade pautada na generosidade e na lealdade dos dois. Mais uma vez Firmina coloca o negro em posição de igualdade com o branco, onde Túlio vai ajudar Tancredo em troca dessa amizade e não pela subalternidade:

- Não foste por ventura o meu salvador? – perguntou o cavaleiro com acento reconhecido, tirando dos lábios do negro a mão, e malgrado a visível perturbação deste, apertando-lhe com transporte a mão grosseira; mas onde descobria com satisfação lealdade, e pureza.

Meu amigo – continuou – podes acreditar no meu reconhecimento, e na minha amizade. Quem quer que sejas, eu te prometo: sou pra ti um desconhecido, e inda assim foste generoso e desinteressado. Arrancando-me a morte tens desempenhado a mais nobre missão de que o homem está incumbido por Deus: a fraternidade. (REIS, 2017, p. 10)

Tancredo muito agradecido por Túlio ter salvado sua vida lhe promete a amizade, independente de quem ele seja, nota-se que sobre a pessoa de Túlio não houve julgamento da sua aparência, adivinhando que fosse um escravo, ele apenas reconhece Túlio como generoso e desinteressado. Outra característica positiva de

Túlio é a fraternidade, mostrando que o negro se compadece com o sofrimento do ser humano, enquanto ele e sua raça são tão maltratados.

Tancredo que se encontrava muito ferido pediu a Túlio em nome da amizade que selaram que ele continuasse com seus cuidados, então Túlio pede permissão para poder levá-lo para casa de Úrsula e Luísa B onde vai receber os cuidados de Úrsula:

- Meu senhor, permiti que vos leve à fazenda que ali vedes – e apontava para a outra extremidade do campo – ali habita com sua filha única a pobre Luísa B. de quem talvez não ignoreis a seguinte vida. Essa infeliz paralítica, todo o bem que vos poderá prestar limitar-se-á a uma franca e generosa hospitalidade, mas ali está sua filha, que é um anjo de beleza e de candura. (REIS, 2017, p.10).

Pela fala de Túlio, ele também se compadece com o estado da senhora Luísa B. que é paralítica e ao descrever Úrsula “que é um anjo beleza e de candura” (REIS, 2017, p.10) a descreve com muito carinho, mostrando que tem respeito e consideração pelas suas senhoras, nele não habitam a hipocrisia, falsidade e vilania que foi mostrada através do personagem “Simeão o crioulo” de “Vítimas algozes” e isto vai se comprovando pela convivência com ambas.

A linguagem muitas vezes foi fator de discriminação contra o negro, mas o que se percebe no diálogo entre os dois amigos, mostra claramente a facilidade de entenderem um ao outro, embora Tancredo fale de forma um pouco mais rebuscada, pois foi estudante de direito, Túlio o compreende e se expressa de forma que não rebaixa a sua inteligência e deixa a entender que ambos têm a mesma faixa de idade, portanto, Túlio não é o “negro não possuidor da linguagem” como também não é o “negro infantilizado”.

Percebe-se até aqui, com a díade Túlio e Tancredo, que a autora desmitifica a superioridade entre as raças porque Maria Firmina não caracteriza o negro a partir da inferioridade, pois apesar da humildade de Túlio, o mesmo não é vitimado e não é descrito de forma a causar piedade. Não foram reproduzidos os estereótipos de “negro vítima”, “negro vilão” como também o de “negro nobre”. A presença de Tancredo só deixa mais evidente o quanto os dois personagens tem o mesmo tom de igualdade na narrativa e o quanto é possível a igualdade entre as raças na sociedade em geral.

Maria Firmina também usa a subjetividade dos seus personagens negros para legitimar o seu lugar de origem, a África, onde o negro afirma sua identidade através das memórias vividas em sua terra natal criticando a sociedade escravocrata através da reflexão do personagem sobre o que é ser livre contrastando com a sua condição de escravo, pois segundo Régia Agostinho Silva:

Existe também o espaço para a construção de uma identidade cativa, ou seja, um espaço da mente que não poderia ser escravizada; apesar do que pensavam alguns de seus contemporâneos, Maria Firmina não via os escravos como mercadorias ou coisas e marcava em seu romance, o espaço da subjetividade dos escravos, cuja mente era livre. [...] Maria Firmina dos Reis acreditava na capacidade do escravo se revoltar, mesmo que do ponto de vista da subjetividade, provando assim que a escravidão nunca foi aceita pelo cativo e dimensionando um espaço para se pensar a própria subjetividade escrava. (SILVA, 2013, p. 138-132).

Dessa forma, Maria Firmina acaba desconstruindo o estereótipo racial e também o mito que foi criado sobre a África, que em primeiro lugar é considerada um país e não um continente e em segundo, que a cultura africana é inferior às demais culturas. A sociedade além de o tornar cativo, ainda desdenha da cultura do negro africano estereotipando-a também.

A realidade de como é verdadeiramente o universo africano é contado pelo próprio africano que por lá viveu enquanto livre. Ao revisitarem suas memórias, os personagens vivem um momento em que a sua realidade cruel abre espaço para as boas lembranças onde os personagens entram em total nostalgia ao relembrar os bons momentos ao lado de suas famílias, é o que acontece quando o jovem Túlio começa a voltar no tempo:

E entre-tanto, este também era livre, livre como um pássaro, como o ar; porque em seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente com eles que é livre, porque a razão lho diz, e a alma o compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento. (REIS, 2017, p.19).

Ao narrar a passagem acima, Firmina mostra a possibilidade do escravo tornar-se livre através da sua mente, pois seu corpo foi escravizado mas a mente ninguém pode escravizar, por isso, nos repassa um entendimento que por algum momento de sua vida o escravo é dono de si próprio e que ele mesmo pode se

proporcionar bons momentos através da sua mente, como este que Túlio lembra de seu pai e sua mãe, pois tinha uma família.

Túlio continua com suas lembranças e repassa um pouco de como é o seu lugar de origem, em que ele passeia por uma bela paisagem, dessa forma Firmina leva o leitor a imaginar também como é realmente a África, repassando-lhe a verdadeira descrição da paisagem local e do clima:

O homem remonta-se aos verdadeiros sertões da África vê os areais sem fim da Pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera. Desperta porém em breve dessa doce ilusão, [...] é escravo e escravo em terra estranha. (REIS, 2017, p.19).

Todo o passeio que Túlio fez através da mente pouco a pouco vai se esvaindo das suas lembranças e ao voltar do seu doce sonho, o escravo se depara com o seu pesadelo de viver na escravidão e por mais que a mente o liberte do cativeiro para que ele viva essas emoções, sua alma que está aprisionada ao seu corpo lhe chama para a realidade, pois esta chora e sofre, pois também não é livre.

Suzana, que é já muito velha, tinha muitas memórias para recordar, ela também relembra os momentos em que foi livre em seu país e de forma dolorosa e cheia de amargura fala da vida que lhe foi tirada, a vida nos tempos de mocidade, onde se via tranquila e feliz, brincando na praia, pois era livre:

Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres com sorriso nos lábios, a paz no coração divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as areias daquelas vastas praias. (REIS, 2017, p. 70-71).

A descrição da paisagem do país de Suzana é bem diferente da paisagem que foi descrita por Túlio, pode-se afirmar, então como é rico o continente, que como os demais tem suas particularidades e riquezas naturais de acordo com a região habitada. Mas o que mais chama a atenção é como a mocidade de Suzana foi divertida e feliz, brincando alegre com suas amigas, por isso ela se relembra com

tanto sofrer, mesmo assim ela afirma a sua identidade africana quando fala “em meu país”, pois o lugar da qual ela pertence também pertence a ela.

Antero, um velho escravo do comendador Fernando, que tinha vício em bebida alcóolica, resultado da vida triste de escravo cativo, também se relembra dos tempos em que foi livre em sua terra natal e fala para Túlio sobre uma festa da sua terra e como se divertia:

- Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica a festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca , e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor do que cachaça, e ainda que tiquira. (REIS, 2017, p. 134).

Acima, Antero se recorda da festa do fetiche, assim repassa um pouco da cultura da sua terra e também das tradições. O velho escravo que se encontra sob o vício do álcool, deixa transparecer que em seu país quando livre, trabalhava e só bebia no dia de folga, também repassando as convenções sociais do seu lugar de origem em que o negro tinha vida profissional e social. Quando Antero fala “minha terra” nota-se o apego que o velho tem por seu lugar de pertencimento e ele também assume sua identidade africana.

Maria Firmina dá voz ao negro para que ele fale de como era sua vida ao ser livre, isso é muito mais impactante do que narrar toda a história de castigos e violência contra o negro, porque dessa forma ele não fala de si como vítima, porque a partir do momento que a autora dá voz a ele, este passa de objeto a sujeito e sujeito da sua própria história, onde ele confronta sobre sua liberdade e não se conforma com sua condição servil.

A única mulher negra da trama é Suzana, vale ressaltar que a mulher negra também teve sua imagem estereotipada. A mulher negra aparece em incontáveis obras descritas como as “amas de leite”, as “contadoras de histórias” para os filhos de famílias abastadas e na sua maioria, como objetos sexuais dos senhores de engenho que duplamente escravizaram o seu corpo, tanto para o trabalho, como para o sexo. Dessa forma, fica evidente o preconceito sobre a mulher negra, revelando-a como um ser sem referências por não possuir família ou marido e filhos “mata-se no discurso a prole da mulher negra” (EVARISTO, 2009, p. 23).

Através da memória da personagem Suzana, Maria Firmina desconstrói muitos estereótipos que surgiram sobre a mulher negra que foi duplamente estereotipada, primeiro pelo seu gênero, segundo por sua raça. No trecho a seguir, Suzana fala do tempo que foi livre em seu país, pois lá ela tinha uma família, mas como cativa, trabalha para a família dos seus senhores:

Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que eu amei como a luz dos meus olhos, e como o penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: - Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa santa união. (REIS, 2017, p. 70).

À mulher negra lhe foi negado o direito de ser mãe e de ser esposa, quando não estava trabalhando nas grandes fazendas, eram as cozinheiras, damas de companhia, mas nunca mulheres de família, além disso, eram esboçadas através das características físicas onde seu corpo vai ser sempre o sensual, e ela propensa a luxúria e a lascívia. A mulher negra sempre possuía qualidades que a diminuía e a mulher branca sempre apreciava como um modelo de mulher que representava a família e os bons costumes.

Até com seus personagens brancos Maria Firmina não reproduz estereótipos, pois Úrsula e Luísa B., personagens brancas, também não foram estereotipadas. Úrsula é a típica donzela dos romances, mas é pobre e cuida da sua mãe que é parálitica, a mesma se apaixona por Tancredo, mesmo sem saber que ele era rico, a mesma decide se casar não por convenções sociais como na maioria das obras é retratado, mas sim por amor.

As lembranças sobre a África emergem-se na mente do escravo, e pouco a pouco revelam parte de sua vida, mostrando como eles viviam numa sociedade livre, dessa forma o negro assume sua identidade africana. Assumir sua identidade de origem lhe permite construir sua própria identidade diante da sua realidade, é a partir daí que ele passa a ser sujeito do discurso e passa a ter um papel muito importante, denunciar a escravidão.

Durante todo o percurso do Romance Úrsula, Firmina contribui para a desconstrução de estereótipos do negro que em sua maioria, são sempre negativos, a partir do momento que construiu seus personagens sob uma semântica positiva, assim a sua imagem tornou-se também positiva, portanto, seus personagens

contribuem para a (des)construção porque quebram o estereótipo negativo e constroem o positivo.

O capítulo nove que tem por título “A preta Suzana” é o capítulo que Maria Firmina vai apresentar o seu posicionamento político sobre a escravidão, através da personagem Suzana que nesse momento representa a quebra de muitos estereótipos, dentre eles é a mulher negra escrava já como personagem, novidade para época, com um papel de criticar um regime de escravidão, a mulher que subalterna e submissa por causa do patriarcalismo, faz uma denúncia para os senhores donos de escravos e estes são todos homens:

Tinha chegado o tempo da colheita [...] Minha filha sorriu-se para mim [...] Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me a roça colher milho [...] Um assobio que repercutiu nas matas me veio orientar acerca do perigo eminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei o nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros se riam das minhas lágrimas e olhavam-me sem compaixão. (REIS, 2017, p. 71).

Suzana começa a contar desde o primeiro dia que a tornaram escrava, a forma na qual foi tirada do seu país que foi muito violenta e mostra desde o princípio a barbaridade no qual o negro foi submetido. A forma desumana já consiste no fato de roubar pessoas para escravizá-las e consuma-se através dos risos ao vê-la chorando.

O horror da escravidão não traz sofrimento somente para aquele indivíduo que foi escravizado, mas também para todos da sua família que lá ficaram, pois Suzana deixou uma filha pequena e o seu marido no seu lugar de origem, portanto, as marcas sociais que a escravidão traz tem uma dimensão muito maior do que a que já se tem conhecida, esta deveria ser um motivo de vergonha para a sociedade.

O trajeto de Suzana para o Brasil foi feito em um navio negreiro, assim chamado na época, sob as piores condições que um ser humano possa ser submetido, e ela conta com detalhes para mostrar para a sociedade a crueldade com que o ser humano é capaz de tratar ao seu semelhante:

Meteram-me a mim e mais trezentos colegas de infortúnio [...] Para caber a mercadoria no porão fomos amarrados em pé, e para que não houvesse receio de revolta fomos acorrentados como os animais ferozes de nossas matas [...] davam-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a

comida má e ainda mais porca [...] A dor da perda da minha Pátria, dos entes caros, da liberdade fora sufocada nessa viagem de horror constante de tamanhas atrocidades. (REIS, 2017, p. 72).

Todo esse horror vivido durante sua viagem já anunciava o a vida de suplícios que Suzana viveria quando chegasse ao país que a fez escrava. Ela usou as palavras “mercadorias” e “animais ferozes”, que era justamente assim que os seus algozes viam e tratavam os escravos, sobre a comida e a água podres e dadas com mesquinhez, Suzana denuncia a banalização da vida do escravo.

Quando chegou ao Brasil, Suzana foi comprada pela pior pessoa que poderia aparecer na sua frente e o mal que este poderia lhe causar era muito maior que os horrores que já havia passado e logo em seguida foi morar na casa de Luísa B:

O comendador Fernando P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre o seu! [...] Pouco depois casou-se a senhora Luísa B..., e ainda a mesma sorte, seu marido era um homem mau [...] mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais cruéis, das torturas do anjinho, do cepo e de outros instrumentos de sua malvadeza, ou então nas prisões onde os sepultava vivos. (REIS, 2017, p. 72).

Suzana muito sofreu ao ver os castigos dos seus companheiros na casa de Luísa B., na casa do comendador também não seria diferente e esse submetia os escravos à exaustão, pois “trabalhavam ordinariamente até o cantar do primeiro galo. Esfaimados, seminus, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou três horas desse sono fatigado que lhes concedia a dureza do seu senhor”. (REIS, 2017, p. 104).

Suzana narrou os castigos e as maldades praticadas pelo Marido de Luísa B. tão mal quanto o comendador que mantinha seus escravos sob forma desumana e degradante, nada de novo para a sociedade, mas uma negra fazendo essa denúncia era algo chocante, pois ao negro nunca foi dado direito de reclamar, pois simplesmente tinha que aceitar sua condição.

Mas Suzana acaba morrendo no final da história, ela também enfrentou o comendador, pois sabendo que ele não acreditaria que ela não sabia do paradeiro de Úrsula esperou que ele a confrontasse e, assim não seguiu o conselho do padre que foi avisá-la que fugisse, ela responde “o céu vos pague tão generoso empenho;

mas os que estão inocentes não fogem” (REIS, 2017, p. 119). Como esperado, o comendador perguntou por Úrsula e ela que de verdade não sabia de nada falou a verdade, esse se enfurece e manda trancá-la acorrentada com pouca comida e enfim morre pelos maus tratos que a sua velha idade não pudera suportar.

A autora também dedicou um capítulo especial para Túlio e este leva seu nome, nesse capítulo Firmina vai fazer algo muito ousado para a época é onde o bem e o mal se encontram e toda a grandeza do negro será apresentada pelo comportamento de Túlio.

Para retribuir os cuidados de Túlio, Tancredo lhe compra a alforria, fato que faz o negro ficar ainda mais agradecido e decide segui-lo por onde quer que ele fosse depois da viagem que Tancredo precisou fazer. Ao voltar, Tancredo encontra Úrsula já órfã de mãe e para garantir sua segurança leva a amada para um convento, por isso acaba se desencontrando de Túlio. O comendador furioso procura Túlio e faz a seguinte proposta:

- Introduz-me no teu quarto, Túlio, - continuou delirante - quero matar esse homem antes que seja esposo de Úrsula. Eu te cumularei de favores; dar-te-ei metade da minha fortuna se ma pedires. - Senhor! – exclamou Túlio em legítima cólera -, que ação tão viú eu pratiquei um dia que possa merecer-vos semelhante conselho? - Estás louco, imbecil? Não vês que peço quando poderia mandar? - Covarde! – bradou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quanto essa palavra insultuosa o poderia perder – Matai-me muito embora, estou em vosso poder; mas não me insulteis! Não, nunca espereis que proteja o assassino, mormente contra aquele que me arrancou da escravidão. (REIS, 2017, p. 131).

Túlio encarou o comendador porque além de honesto, jamais trairia Tancredo, sua amizade era pura e verdadeira, ele esteve disposto a morrer, pois conhecia muito bem o comendador, mas não entregou o seu amigo. Somente um personagem tão bom, generoso, de caráter tão íntegro poderia encarar o poderoso senhor de escravos Fernando P. e somente uma autora tão comprometida com seu ideal trouxe uma cena como essa em pleno regime escravocrata.

A amizade de Túlio e Tancredo faz parte da luta que Maria Firmina travou contra a desigualdade entre os homens, Túlio tem seu desfecho como um verdadeiro herói tanto por sua conduta como porque foi fiel à sua amizade. Morreu com dois tiros nas costas e sem forças disse “Jesus! Eu mo...rro!...” (REIS, 2017, p. 137). Essa passagem mostra que, mais uma vez Firmina desconstrói um

estereótipo, pois por causa das religiões de sua terra, o negro era considerado “praticante de feitiçarias” e de cultuar o obscuro.

Embora seu final tenha sido triste, mas sua vida foi diferente da de muitos escravos que não conheceram a amizade, somente o chicote de seus senhores, sua morte também fugiu ao estereótipo de “morte de escravo” que morre no tronco apanhando para dizer a verdade. Morre como um herói em nome de um sentimento tão bonito, a amizade, e sem conseguir proteger seu amigo que é morto com um tiro de Fernando na porta da igreja, após casar-se com Úrsula.

O único negro que não morre na história é Antero porque quando ficou vigiando Túlio, ele começou a falar que gostava muito de beber, por isso, Túlio lhe dá dinheiro pra comprar bebida. Depois que Antero fica bêbado, Túlio o prende nas correntes para que o comendador não o castigasse e pensasse que ele tinha fugido por si só, assim Túlio o livrou de qualquer suspeita ou castigo.

Úrsula fica louca e sem voltar ao seu estado normal morre amaldiçoando Fernando que acaba castigado com a consciência lhe acusando todos os crimes que cometeu. Este é o castigo que Firmina propõe a quem fez tanto mal aos escravos e a todos que lhe cercavam. Sua mente o fez de escravo das suas maldades, é um aviso aos senhores que são impunes pela justiça, que tenham cuidado com sua consciência e repensem na condição dos escravos.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho possibilitou entender como a obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis é uma ferramenta para a (des)construção de estereótipos do negro na literatura brasileira, pois através do seu discurso de cunho político a autora construiu seus personagens de uma forma positiva atribuindo-lhes características físicas e psicológicas preservando a imagem social do negro de estereótipos negativos que no século XIX foram reproduzidos por vários autores. Dessa forma, a obra possibilitou também observar que ela é um veículo de prevenção ao preconceito e ao racismo visto que o contato com ela muda a visão que se tem do negro no Brasil.

Foi observado que a imagem concebida ao negro desde a sua chegada ao Brasil sofreu vários estigmas e preconceitos sociais dos quais colocaram o negro numa posição de inferioridade e que essa imagem refletiu na imagem do negro na Literatura Brasileira, visto que na literatura o negro aparecia sempre estereotipado.

Estes estereótipos foram observados através de algumas obras literárias do período oitocentista, onde se é possível identificar com muita clareza as estereotipias sobre os personagens negros nas obras analisadas. Partiu-se então, para uma análise sobre este mesmo período a fim de observar seu contexto histórico e literário, onde foi observado que na metade deste século é que o negro é inserido de fato na literatura Brasileira através das escolas literárias do Romantismo e Realismo, onde foi também observado que o negro foi somente um objeto da campanha abolicionista do país que mais foi por motivos econômicos que sociais e culturais.

A vida e obra da Maria Firmina dos Reis, retratada neste trabalho, onde através de sua trajetória de vida e sobre um breve contexto da Literatura Maranhense, pode-se entender porque a autora tinha uma visão político-ideológica que a permitiu escrever uma obra que busca os direitos de negros e mulheres, portanto, as minorias da sociedade do seu tempo. Foi observado também a estratégia literária que a permitiu inserir o negro como personagem, onde ele a partir de um ponto de vista interno, narrou a vida do negro africano enquanto livre e a sua vida de cativo, onde a partir daí ele fez denúncias sobre o regime escravocrata do país.

Desta forma, a Obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis é uma riquíssima fonte que contribui de forma significativa para a uma melhor compreensão sobre o negro na sociedade nos dias atuais, pois entender como o negro e a sua cultura foram marginalizados e o porquê de tantos estereótipos que recaem sobre o sujeito negro, é fundamental para uma sociedade mais justa e igualitária.

Maria Firmina dos Reis escreveu *Úrsula* 29 anos antes da abolição da escravatura, dando voz ao negro para que ele pudesse narrar sua história a partir do seu próprio ponto de vista, falando das suas memórias, da sua terra natal e sobre a possibilidade de ser “livre” no país escravocrata que foi o Brasil durante séculos, portanto, *Úrsula* em sua narrativa critica os valores da sociedade e vem carregada de ideologias que se opõem as ideologias dominantes da época e foi e ainda é um veículo de protesto contra as injustiças sociais de sua época e também da sociedade contemporânea.

Frente ao exposto por este trabalho, conclui-se, portanto, que ele chegou ao seu objetivo, pois a obra *Úrsula* foi escolhida para a (des)construção dos estereótipos do negro a partir dos personagens negros de *Úrsula* sobre a ótica de Maria Firmina dos Reis, pois foi através da sua ótica que foi possível enxergar o negro como ser humano. Conclui-se também que a obra reforça o processo de mudança na mentalidade da sociedade brasileira principalmente na Educação como um todo porque percebe-se que o preconceito e o racismo ainda são muito presentes em nossa sociedade.

Úrsula é primeiro romance de autoria feminina do Brasil e também primeiro de origem afro-brasileira, é também um convite de Maria Firmina dos Reis para que a sociedade mude seu pensamento sobre a raça negra, sobre o negro no Brasil e sobre a mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O guarani**. 12 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. São Paulo: Globo, 1997.
- ALVES, Castro. **Espumas flutuantes**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo, Martins, 1974.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias** – Porto Alegre: Le PM, 2010.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes. “**Literatura e mestiçagem**”. In: SANTOS, Wellington de Almeida (org). **Outros e outras na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Caetés, 2001.
- BOSI, Alfredo, 1936. **História concisa da literatura brasileira** – 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- BRASIL. (2008). Lei Nº 10639 de 09 de janeiro de 2004. Parecer nº CNE/CP 0032004, aprovada em 10032004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004. Edição Federal. Brasília.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria colonial**. Maringá. PR: Eduem 2005.
- CUTI, Luis Silva – **Literatura negro-brasileira** – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (Coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

_____. **“O leitor e o texto afro-brasileiro”** In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza Edições, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. (1750-1880)**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Machado de Assis afrodescendente**. 2. ed. rev. Ampl. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

DIAS, Gonçalves. **Poesia e prosa completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte. Scripta, 2009.

FERREIRA, A. G. **Dicionário de Latim – português**. Porto: Porto editora, 1977.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. 12º ed. São Paulo: Ática, 1983.

GOMES, Heloisa Toller. **O negro e o Romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual. 1988.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas e outros poemas**. Edição preparada por Lúcia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MACEDO, Joaquim Manoel. **As vítimas-algozes**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Romance XXXVII ou de maio de 1789**. In: Obra Poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MATTOS, Gregório de. **Poemas escolhidos**, sel., introd. e notas de José Miguel Wisnik, São Paulo, Cultrix, 1976.

MORAES FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luis: COCSN, 1975.

_____. **Obra Poética**. Preparação e notas: Emanuel Araújo. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992, t.1.

MUZART, Z. L. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Z. L. (Org.). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

MÉRIAN, Jean-Yves. **O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira**: mito e literatura. Revista Navegações, v.1, p. 50-60, março de 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs> . Acesso em 22 de junho de 2019.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. **O Romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis**: Estética e Ideologia no Romantismo Brasileiro. Dissertação de Mestrado – UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

PIZA, Edith Silveira. **O caminho das águas**: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Com-Arte, 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados. Rio de Janeiro, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. – 2. Ed. Maranhense, evocativa do centenário de morte da autora. São Luís: Edições AML, 2017.

SOUSA, Cruz. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO, CED, 1995.

SILVA, Régia Agostinho. **“A mente, essa ninguém pode escravizar”**: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2013.

MORAES FILHO, José Nascimento. Maria Firmina, fragmentos de uma vida. São Luís: COCSN, 1975. TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do agricultor brasileiro**. (Org. Rafael Bivar Marquese). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3 ed. São Paulo: Martins, 1989.